

# *Alguns Contos*

---



*Afonso Junior Ferreira de Lima*

# *Alguns Contos*

---

*1994-2005*

*Porto Alegre  
2006*

© Copyright de  
Afonso Lima  
1ª edição: 2006  
2ª edição revista: 2010

Esta edição é propriedade do Autor.

ISBN: 857517163-1

*Revisão:*  
Eduardo Valls

*Editoração:*  
Suliani Editografia Ltda.  
Rua Veríssimo Rosa, 311  
90610-280 – Porto Alegre, RS

*Contatos/Pedidos:*

afonsojrf@gmail.com

*Agradeço*

*a Masaharu Taniguchi,  
cuja obra A Verdade da Vida tem sido uma fonte  
de libertação e ânimo e me possibilitou esperar;*

*aos meus pais, Elenara Maria e Roque Afonso,  
por me darem oportunidade para criar;*

*à meus avós Antônio Lima, Cândida Acauan,  
Maria Escolástica Gasso Borges e João Rodrigues Ferreira;*

*aos meus queridos bisavós, Nicácio e Alvina Lima,  
Maria Assunção e Januário Borges,  
Eduwiges e Gesuíno Ferreira e Joaquim Marques  
e Ana Acauan, e Julia Kramer, minha Dona Benta;*

*à minha família, Elenice, Amanda, Antonio, Dada;*

*à Professora Gladis Wohlgemuth,  
um exemplo de bondade, força e otimismo;*

*à Liane Venturella e Débora Finochiaro,  
primeiras atrizes a representar minha obra;*

*À Kátia Summan, que a leu na rádio;*

*a Ricardo Timm de Souza, Draiton de Souza,  
Luiz Carlos Susin, Cláudia Musa Fay,  
Marilú Medeiros e Pergentino Pivatto,  
professores e amigos,  
pelo reconhecimento e incentivo;*

*aos amigos Daniel Paulo Pelose e Fátima Flores,  
pela sua preocupação com o fluxo das culturas.*

*O Autor*

## *Sumário*

### PRIMEIRA PARTE – 1998-2000

- O barquinho vermelho / 9
- Saída da universidade / 10
- Dois pães / 12
- Silenciosos navios / 13
- Correm os campos... / 14
- Há lugar para dois / 15
- A floresta cantante / 16

### SEGUNDA PARTE – 2001-2003

- Seleção global / 19
- O caso do vendedor de cabeças / 22
- Espaço público / 25
- O pequeno ditador  
de Al Ramin Khun Khan / 27
- Cúpula Global / 31
- O criminoso / 33
- ZPE / 37
- Um porto-alegrense / 40
- Conto pós-moderno / 45
- Yuleyev / 47

### TERCEIRA PARTE – 2004-2005

- Vida Artificial / 49
- A Galinha / 51
- Sangue / 53
- Negros / 54
- Ovelhas / 55

Os Manuscritos de Naf-aum / 56  
Tom Zé foi preso / 59  
Idade das Bactérias / 61

#### CONTOS LONGOS

Crepúsculo no campo / 63  
Era uma manhã de inverno  
ou Eva Braun a esposa de Hitler /81  
A casa da esquina / 89  
Conto do mar / 92  
A bela festa do vale / 105  
Oito planetas / 108

## *O barquinho vermelho*

**O**s meninos têm sempre a impressão maluca de que o mundo está sendo feito às suas custas. É o que se dizia dos primitivos. Como se as crianças não soubessem dessa união cósmica que há entre um espirro e uma catástrofe, a imersão primordial no mundo. Foi assim que Marcos recebeu aquele barquinho. Ele andava no mar e era vermelho, mas além disso, ele próprio era o fluxo das ondas e entre barco e cosmos não havia separação. Até que chegaram os homens de terno cinza.

Eles vieram de sobranceiras grossas, nada amigáveis, entrando porta adentro como nem o Papai Noel faria; este pelo menos vinha às escondidas, de noite. Mas estes senhores nunca haviam visto desenho animado; nem o olhar verde penetrante dos vilões de verdade eles tinham. Eram umas pálidas bochechas queimadas de sol e cerveja. E o menino observava com seus grandes olhos azuis a movimentação toda. Eram como bonecos trocando símbolos, como seu pai movia cada músculo assim como se entre eles houvesse uma espécie de dança. Eles levaram seu pai e os equipamentos do barquinho.

E sua mãe só disse que acharam que fosse uma arma.

## *Saída da universidade*

Quando chegaram à parada de ônibus, tudo parecia calmo. Um sopro de sol impregnava os carros, na sua marcha lenta, quente, cheia de murmúrio doce de dias depois das seis. E a luz do crepúsculo ia se armando, também cansada, entardecendo o sol e fazendo brilhar obliquamente todo o horizonte, onde as pessoas passavam, intocáveis.

Como anjos adormecidos, corriam.

Crescia a fila. Ninguém se olhava. Havia ali como que muitos mundos humanos, e o vento era a única coisa que unia o movimento dos carros, os homens e o céu. Deveria chegar a qualquer instante, mas este fervilhar humano tranqüilo, que desce e sobe e pára e olha e fala e cala está se misturando às luzes da noite. A noite vestida de incessante palpitação. E pela linda passarela, toda em orgulhoso cimento e metal vermelho imponente, deslizavam seres perfumados, seus olhos dançando na beleza de tudo. Alguma coisa deveria acontecer, na certeza furiosa dos dias, no entanto tudo fluía neste rio absoluto, rio que levava bolsas, olhares, pés e placas de trânsito. Rio de águas mudas.

Beleza das aulas, beleza dos passos, beleza dos corpos. O vento fazia tremer as mãos, de longe, como que acordando de um transporte metafísico.

De repente começou o espanto. Os olhares não sabiam mais onde parar, viravam-se para o norte, para o chão, procuravam abrigo. E os olhares descontrolados, abismados, se abriam. Alguns tocavam em seus bolsos, à procura de algo; outros beijavam ardentemente as namoradas. Havia mesmo quem pusesse um chiclete na boca. Mas o cheiro era imperturbável.

O excremento invadia os cérebros, as bolsas, invadia os cálculos do estudante de Administração e as fórmulas da estudante de Física. Podridão, miséria, bosta quente levada pelo ar.

De onde viria? Angustiadados, os corpos se moviam, sem nenhuma resposta. A rua parecia limpa de cavalos descontrolados, os campos atrás e à frente estavam higienizados. Os carros apenas se moviam, os carros precisos e certos como máquinas de dentistas.

E o ônibus distraído, perdido pela cidade, para onde os olhares viravam terrivelmente à procura de salvação. A rua era insensível, a rua e seus fluxos de luz, impenetráveis à loucura humana – impenetráveis ao grito calado ecoando no universo, penetrando carnes e rasgando nervos.

Alguns pensavam em sair, outros em entrar no primeiro ônibus, outros em suicídio.

A noite seguia seu curso e ninguém podia fazer nada.

## *Dois pães*

– **D**ois pães, dizia ela.

E já era motivo para puxar seu fio interminável, fio não propriamente luminoso como de outras que pairam esguias sobre o tempo, mas fio brumoso de suor, muita história, tropeçando por entre perdas e os trocados da aposentadoria. E o ar de pessoa feliz.

E ele fazia a voz de simpático, porém, como odiava, como odiava aquela velha desgraçada que não percebe que ele tem mais o que fazer. E lá se ia como um fantasma que anda lento com o peso das lembranças.

É que ela vivia sozinha, a gente sabia. O filho era engenheiro, entretanto não queria mãe para incomodar, e mal vinha uma vez por ano. No aniversário dela uma vizinha fazia um bolo, mas a vizinha se mudou e ninguém guardou mesmo o número. A velha desgraçada ia repetindo as mesmas histórias desinteressantes, o papagaio Ivo, pendurado na janela, as plantas que deram botão, as mudinhas que brotavam numa sacada estreita, o encanamento que estava velho e não havia dinheiro para tapá-lo, ia se virando com um pano atado no cano, mas pingava e tinha que pôr uma vasilha embaixo. Incrível, ela vivia sempre com aquele risinho, como se parte dela já tivesse partido mesmo, já estivesse sobre as nuvens, além do cano furado e do calor que era de matar no seu quartinho naquele prédio imundo:

– Ah, isso tudo é bobagem, meu filho.

Havia duas teorias sobre essa frase: a primeira dizia que era muito sábia; a segunda, que era louca, e esta era a mais votada. E dia após dia o papagaio, o pão, a testa pingando. Aí ela não aparecia, não aparecia, e o homem foi ver como ficava a conta do fiado. Velha desgraçada.

Tocou, tocou, e a porta não abria. Tocou, tocou.. Resolveu arrumar.

Em cima da cama estava ela com um braço tentando pegar os remédios.

Ele foi o único que foi ao seu enterro.

## *Silenciosos navios*

**S**ilenciosos navios pairam em frente à praia. O cinza adormece no horizonte, tudo se prende ao nevoeiro azul, camas douradas, amadas, pentes e escorbuto. A onda, ainda instável refloresce a cada rocha, pétalas de espuma. Eis o mar, aquele que nunca dorme, aquele incriado, o deus branco, de sete mãos, de sete olhos, insensível, anel dos tempos, sentido do mundo. Quantos anéis de ouro, quantos poemas odiosos, quantos sonhos de lua romântica e beijos submersos nos dias. O mar que assistiu nascer o céu, nascer o sul, nascer o tempo, o mar que permanecerá.

Lá chegaram os marinheiros. Doentes, frágeis, lutando contra as rochas, contra o cinza dos amores perdidos, contra a vida. Morrer: de viver no mar. Morrer é o mar. Quando tocam a terra, quando finalmente acordam, não há vida possível.

Sonâmbulos de um sonho curto, mortos todos somos, já foi dito.

Segue o palco frenético, da mesma matéria que os sonhos.

## *Correm os campos...*

**P**or sobre os campos correm ventos, flores lilases e meus pés. Já provei o hálito fresco das fontes. Corro em direção aos teus olhos, e o infinito azul se deita sobre a terra. As ondas do riacho vão e vêm sobre ladrilhos de tigre. Sinto o pulsar das correntezas no meu sangue, transpassado pela flecha ígnea do amor, enquanto o sol amacia meu corpo que se estende, contando nuvens. Os sons das poesias me assustam, pássaros, o zumbir do capim deitando, o voar de uma abelha luminosa. Sinto teu corpo no leito de flores, teu corpo aberto a minha magia. Traço círculos concêntricos, deslizo ervas sagradas, pronuncio as palavras doces e encantadas do conjuro. Em sintonia com os deuses, as ninfas todas que observam, eu te transformei em meu amor, e te fiz um com as estrelas.

## *Há lugar para dois*

**D**ona Maria Eugênia é uma professora da UFRGS, e no seu caso o peso da idade se concentra todo no rosto, nas camadas e camadas e camadas de blush e base. Era conhecida por citar Hegel quando lhe pediam para ir ao banheiro. Sua fixação era James Joyce, de quem se dizia ser a única que o leu inteiro, e de quem se diz visita todo o ano a festa em Dublin para tirar foto ao lado da porta de sua casa ou, como querem as línguas venenosas, embebedar-se de cerveja irlandesa.

Seu esposo, Élio Alvarenga Neto, advogado renomado, cofundador da OAB, também é um homem respeitável conhecido por sua dedicação ao ensino com as adolescentes da faculdade onde leciona.

Mas Dona Eugênia também não era menos culta. Ocupava suas tardes em que preparava suas aulas com dois professores particulares, de inglês e de francês. O inglês tinha um ritmo mais rápido e o francês era mais delicado. Quando perguntavam se não se cansava de tanta dedicação, ela respondia que tinha propensão especial para línguas. E, com razão, porque tiravam dela os sons desejados.

Um dia o diabo, que é o maior de todos os políglotas, fez das suas. O professor de inglês, que devia chegar às duas, chegou meia hora atrasado e seu colega, que devia chegar às quatro, chegou antes.

Foi assim que, quando o segundo entrou no quarto, a senhora estava justamente de livro aberto, escancarando consoantes e vogais. A professora não se fez de rogada:

– Meu amigo, não se acanhe; como Joyce criemos palavras mistas; saca da tua caneta, há lugar para dois; façamos agora mesmo a paz franco-anglicana.

– Rindo, o jovem abriu seu material, e dizem que ela repetiu todo o alfabeto.

## *A floresta cantante*

*O tempo é a substância de que somos feitos.*

*Borges*

**O** que é o tempo? Quando era criança, gostava de ficar horas frente ao relógio grande, de madeira, tentando me mover o mínimo para não assustá-lo, para não morrer. Imaginava que tudo ia passar, um dia minha mãe morreria, eu morreria, que um dia o sol a lua e as estrelas morreriam... Quando não existisse nada, só um bando de estrelas perdidas, tresloucadas, imensas e arrogantes, com vômito de hélio e aspiradores de pó negros no cosmo, haveria o tempo, ainda? E antes, antes de tudo, antes dos dias, antes de a terra romper a casca, havia tempo? Eu sentava em frente ao relógio e perguntava, mas nunca me responderam. Não tinham tempo para isso.

Não tinham tempo para mim, não tinham tempo para eles. Eram pais silenciosos que vagavam pela casa como almas, levando-me daqui para lá nas casas das tias, avós, cunhadas. Eu ficava perambulando pelos cômodos da casa, assustado, silencioso. Nada mudava, e uma tarde parecia se fragmentar em muitas, de modo que o tempo nunca existia e caía em si mesmo quando morria: tudo partia do nada.

Um dia ganhei um relógio de meu pai. Era uma porcaria velha que alguém havia esquecido na loja do seu Jacob da esquina, e meu pai me deu. Era um velho relógio de bolso, parado, do tempo da segunda guerra. Eu ficava dias inteiros em frente à janela, olhando o sol no relógio. Como podia que o relógio estivesse parado, eternamente ali naquela hora, eternamente preso em minha mão? Comecei a imaginar quem seria o dono do relógio. Comecei a imaginar um planeta onde aquele relógio funcionasse, um lugar onde temos outros tempos, um tempo mais lento, ou um espaço mais rápido, onde o tempo voe tanto que parece chegar antes que os ponteiros do relógio. Só sei que enchi o saco de meu pai para saber quem era o do-

no. Impossível. Era um objeto antigo, morto, um objeto mágico. Só que ninguém na casa conseguia mais fazer suas coisas. Era eu dia e noite falando e pensando no relógio, e eles acharam que eu estava enlouquecendo.

Um dia meu pai me pegou pela mão, me levou até uma casa escura e feia do nosso bairro, o Bom Fim, uma casa desgastada e pronta para ser demolida, com voltas e lamparinas de um tempo passado, fugido, guardado.

Entrei, e o ar era diferente. Tudo muito velho, mas conservado com carinho, madeira escura, brilhante, um aroma gostoso no ar, de charutos, coisa assim. Na sala, decorada com requinte, um velho coberto com uma colcha xadrez, de olhar pensativo, muito frágil, olhando a janela. Meu pai pediu licença, sentou-se e disse para eu sentar. O velhinho sorriu simpaticamente com os lábios. Ficamos em silêncio.

Nem meu pai falava, nem o velhinho, que olhava a janela e pensava. Fui ficando com medo, medo do que ele teria para dizer. Sabia que era o dono do relógio.

Meu pai puxou a conversa, perguntou se ele se sentia bem, disse que o rapazinho andava curioso com a história do relógio, queria saber de onde veio. O velhinho sorria, mas era como se estivesse me amaldiçoando. Queria fugir. Meu pai virou-se para mim e disse, sussurrando:

– Está vendo aquela foto. Todos aqueles morreram, são a família dele, foram mortos pelos soldados, num campo. Só ele sobrou.

Depois virou-se para o homem, que parecia estar azulado sob a luz do sol que caía sobre ele como um véu, os olhos fracos, brancos sem horizonte, como duas grandes rodas que houvessem silenciado:  
– Conte-lhe do relógio.

O velhinho sorriu macabramente, debruçou-se aos poucos sobre a cadeira e melhorou com um ar delicado e manso:

– Eram muitos. (Respirava ofegante, sua fala saía após segundos imensos de pensamento e silêncio.)

– Cada dia nos... despedíamos de alguém.... Eu vi (seus olhinhos encheram de pequenas lágrimas que não ousavam cair). Eu vi meu amigo ser morto... comido por cães alemães... Nós todos vimos, nós todos ali... Mas havia... havia algo pior... Os sons... Toda noite dormíamos com os sons da floresta cantante...

Fez-se um longo silêncio. Abaixei os olhos e vi a luz correr vagarosa pelo tapete. Não havia como prosseguir... Senti como se precisássemos de ar e coragem, como se tivéssemos de aguardar algum astro se mover.

– Era a floresta cantante... Ouvíamos os gritos dos homens... Havia uma linha com imensas árvores... nestas árvores, ganchos... ganchos enormes... os gritos... eram inumanos...

Eu saí correndo. Saí pela rua, saí pela praça, entre as árvores da Redenção, correndo, correndo e o sol no meu rosto, as árvores brancas e a luz, a luz imensa me cegando.

## *Seleção global*

*“Quem precisa de ajuda não merece o ar que respira.”  
A qualquer preço, Georg Oswald.*

**A** cabo de sair do curso de Reengenharia Empresarial. Que alívio, a culpa é do sistema mundial! A natureza do mercado, como toda natureza, é muito justa. Ficam só os mais aptos. Dizem que na explosão do Cambriano centenas de espécies foram testadas; morreram quase todas. Também os australopitecos morreram às centenas nas mandíbulas dos poderosos tigres até desenvolverem raciocínio. Por que então ficar tentando salvar esses miseráveis, que só consomem a renda que os ricos produzem? Eu não, me graduei em Administração, não fiz meu MBA em Economia, não fui para o exterior para sustentar velhas sujas e crianças ramelentas. Hoje a economia é assim: uma corporação com seus robôs e uma minoria rica que consome e anda na última moda. Seleção global, e viva MTV! Não há pieguice que resista a um bom pay-per-view.

Nada é mais justo que a seleção natural do mercado. Até acho que a diferença é boa: se você pode comprar pode ser negro, gay, travesti, o diabo a quatro. O humanismo era uma farsa, Foucault provou e o mercado da diferença nos inspira a renovações constantes. Nada de valores eternos. Se a sem-vergonhice é a essência do homem (deste texto que se chama homem) vamos foder e comprar, e eu quero é tirar vantagem. Afinal se não conseguiram estudar numa faculdade, fodam-se, eu não tenho culpa disso. Ainda podem comprar um boné da Nike. A miséria tem a sua culpa: eles sabem que não foram bons o bastante. Hitler tinha uma tese: matem os velhos e os deficientes, e a Alemanha vai crescer. Deu certo.

Hoje a gente chama isso de livre mercado, é bem mais ético, porque prega a liberdade, blá, blá, blá. Liberdade significa, eu vendo você compra. A questão social é uma questão léxica. Hoje não se pode dizer mais “matar”, é melhor dizer, há “caos social”; da

mesma forma não há “exploração”, há “países em desenvolvimento”. É muito chato ver mendigos na rua; a gente chama o segurança. Isso foi uma coisa que Hitler não pensou: a solução final sem vestígios. A culpa é deles! É só não aparecer na televisão: se algum ator da Globo for morto, surge o tráfico de drogas! Mas isso não tem nada a ver com distribuição de riqueza, claro que não... Até lá a gente fica com os políticos “humanitários”, centro-esquerda, política é show biz, mesmo que alguns saiam da linha e comam toda tua poupança! Ups , erro, vamos para o próximo. Ouvi uma entrevista do Collor e ele não sabia o que era fundo de pensão. Fundo de pensão é aquilo que governa os governos, idiota. Os EUA não sabem o que é capitalismo: o bom mesmo é ser monarca brasileiro e ainda especular na bolsa!

Os direitos humanos são a chave que abre um país. Você empresta dinheiro a um país que liberou recentemente seu mercado financeiro, os emergentes, e cobra juros astronômicos. A oligarquia financeira e o Big Brother desregulam a economia, ou seja, quem paga imposto é o trabalho, como disse a OCDE (a União Européia, Eua, Japão e Mordor), e não quem empresta dinheiro aos governos, os bancos internacionais e os fundos de pensão. Vi ontem uma mulher na TV que dizia: o salário acaba em cinco dias. Idiota! Acha que o problema existe! Na frase de Brooks Adams, cérebro do primeiro Império Norte-Americano, “o único problema de nossa classe dirigente é saber se deve coagir ou subornar a maioria sem poder”. Sociedade repressiva moderninha: Tony Blablá acaba com a proteção ao cidadão, colocam-se seguranças nas propriedades, você está sendo observado. Como me disse uma vez um amigo, há dois tipos de pessoa, os realistas e os chatos “protestantes”, os que administram as dificuldades e os que são demitidos. Gente moderna ou pessimista, gente de ação e ideológica. Vencedores e babacas, ricos e pobres. Como eu disse, nem todas as espécies sobreviveram, nem todos os da espécie. Mas como o ser humano é idiota: é preciso que se cante música de Natal, que se assista à novela e que se compre no dia dos namorados. Ninguém quer afinal o gostinho amargo de um suco de gente entre os dentes. Viva e deixa morrer! A gente muda a cor do carro, vê uma filminho de ação, paga para uma ONG cuidar da natureza pra gente. O melhor mesmo é nunca parar de curtir.

A gente faz uma tese sobre “O problema do Duplo Empírico–Transcendental em Foucault”, a gente defende o direito dos negros aparecerem na TV, a gente lê a Folha de São Paulo e sacode a cabeça. Depois voltamos pra a academia malhar, a vida tem de continuar, há muito pra ser comprado. Eu tenho uma teoria, desde que o rabo a ser fodido não seja o meu, não existe problema sob o céu. Isso eu chamo neoliberalismo social. Na era da imagem, o diabo é filantropo. (Sabe os ajustes estruturais impostos pelos órgãos internacionais? Aqueles que venderam as empresas públicas, acabaram com milhares de empregos e cortaram investimentos sociais? Pois é, chamava-se “assistência econômica e técnica”...) Falo sério quando digo que vale a pena ficar niilista e sorrir na minha BMW. O niilismo é a luta social do mundo corporativo: irresponsabilidade sem culpa, o homem está morto! Estou dizendo isso para que você não fique com um gostinho amargo na boca; se pensar que podia ser diferente, você ainda acredita na metafísica, que é falsa, logo nada podia ser o que não é. Poder é saber, todo saber é poder.

“Eis porque a luta recíproca surge aqui, motivada, menos por antipatia íntima, por exemplo, do que por impulsos de fome e amor. Em ambos os casos, a Natureza é espectadora, plácida, e satisfeita. A batalha pelo pão de cada dia deixa sucumbir tudo que é fraco, doente e menos resoluto, enquanto a luta do macho pela fêmea só ao mais sadio confere o direito ou pelo menos a possibilidade de procriar. Sempre, porém, aparece a luta como um meio de estimular a saúde e a força de resistência na espécie, e, por isso mesmo, um incentivo ao seu aperfeiçoamento.” Substitua Natureza por Mercado, luta por concorrência livre, saúde por desenvolvimento, impulso de fome e amor por aprimoramento pessoal e profissional e a gente acorda com um consultor de empresa e não com Hitler! O sonho acabou, mas a gente vende ele enlatado. A vida é bela.

## *O caso do vendedor de cabeças*

*Para Lima Barreto e João*

Quando Maria Tereza fez doze anos, seu pai a levou a uma loja de cabeças, olhou bem dentro de seus olhos: minha filha, lembre-se disso: a vida é feita de vencedores e perdedores; vencedores são aqueles que têm carro aos 20 anos, perdedores são todos os outros. Esperamos de você que seja formada, arrume um homem rico e bonito, nos dê netos maravilhosos, organize belas festas de Natal, saiba se vestir, passe alguns feriados sorrindo em churrascos e seja magra. Por isso, não há amigos, há otários, investidores e gente de esmagar. Gente de esmagar significa velhos, fracos, gente improdutiva e sincera em geral! Mas nunca isso em público, em público seja ecologista! O mundo continua feito de exploradores inescrupulosos e explorados miseráveis, mas agora é sinal de idiotice falar disso! A felicidade é a arte de concordar! A coisa mais admirável em um homem é a política, que é a arte de se calar! Sou seu pai, eu te amo e por isso honestidade acima de tudo: você nunca vai dizer isso a ninguém, é um segredo que todos sabem em silêncio, mas a realidade é que não importa o que você é, importa o que você mostra de si mesma, assim como os bombons! Papai vai cuidar disso colocando a em um cursinho de inglês, dando lhe um carro e pagando uma universidade cara, mas só você pode garantir a sua realização, ou seja, só você pode ser o que os outros querem de você! Observe bem a publicidade e faça por si mesma! E depois, com lágrimas nos olhos, a entregou ao vendedor de cabeças.

O homem, muito bem vestido, apontou uma estante brilhante, onde se podia ver diversos modelos, uns cromados, outros coloridos, outros com ar mais executivo e até um com a cara da Xuxa. O homem começou sua propaganda pré-fabricada:

Você já tem alguma idéia do que quer? Já viu alguma coisa na TV?

A menina acenou que parecia confusa...

Bem, então vejamos...

A cabeça neoliberal, também conhecida como “baba ovo de americano”, é aquela que adora fazer as melhores coisas da vida; chopinho com os amigos, cineminha, e, claro, muito trabalho duro. Na verdade tudo é trabalho duro, porque afinal o que define o que um homem é sua produtividade: mas a cabeça neo-liberal é cheia de gírias, faz *raffiting*, adora a vida ao ar livre! Tem uma profunda compreensão da economia: significa câmbio e competitividade, duas palavras que falam do sucesso de um país, de alguém, de uma vida! Por isso, justamente, a cabeça neoliberal tem uma propriedade extra: possibilita flutuar por sobre as coisas, e elas ficam lá embaixo, a chata realidade, feita de fome e sede! Esse flutuar nos dá uma coisa de anjos, que não tem sexo, nem querem, essas coisas sujas dos conflitos primitivos! Uma vez disseram que é quando, justamente, a sociabilidade se tornou um crime, o que só aumentou a venda desse modelo. Ah, e nunca usa palavras como fazer, mas “estaremos fazendo”, porque cuida o marketing da linguagem!

A cabeça alternativa pensa exatamente como a neoliberal, mas acha que deve defender as diferenças, incluindo gays fortinhos e clubbers, negros engraçados e aventureiros de Hollywood, e índios economistas de Nova York; é malhada, tem três celulares pra combinar com o sapato, curte forró, tecno e Marisa Monte; surfa no feriadão, estuda na Famecos, fuma maconha como todo mundo, é vegetariana, esotérica, nas férias vai pra um show de rock promovido pela TV e toma florais. Tem sua coleção de opiniões políticas modernas, sua caixinha de reflexões sobre a diferença entre amor e paixão e defende alguma minoria, de preferência uma bem exótica e estranha, daquelas que se pode colocar no zoológico e apontar, olha, veja o diferente!

A cabeça tupiniquim é aquela que senta na mesa do FMI, ouve tudo que eles têm para dizer e no final concorda. Também prefere um peido em inglês a uma tese em português.

Para você ter a cabeça da mídia, é só comprar esse binóculo, tem de focar tudo tão pequeno que todo o resto desapareça; e sempre que pensar em notícia, lembre do sabonete: tem de ser limpinho, ninguém pode ser contra e interessa a milhões de pessoas; arte da notícia consiste em um bom patrocinador, apenas informações que não tenham utilidade nenhuma, e, principalmente, nada, nenhum

senso crítico; o senso crítico é o inimigo número um dos negócios, lembre-se!

A cabeça intelectual, que hoje se reformulou e é sempre nietzschiana, pós-conceitual, riziomática, ao mesmo tempo tem de estar parecendo muito profunda, radical, preocupada com o mundo, do contrário não sobraria utilidade nenhuma e tudo seria masturbação mental; de outro sabe que seria muito banal concordar com essa gatinha, pelo menos com os caras que ficam nas fábricas fazendo greves, de modo que é preciso ser pós-esquerda, manter a esquerda sem cair no óbvio, tipo isso de ter partido, é necessário manter a hierarquia! Claro, há esse mar de psicanalistas doidos por status, mulher querendo arrumar marido, juízes e médicos a fim de uma promoçãozinha com uma assinatura do Nietzsche; mas os melhores mesmo são os que sabem que a Academia é o reino onde o Discurso afinal vence de vez qualquer realidade, pobre, esfarrapada, banal, é aquele resquício de instituição-vigiar-e-punir que ainda têm o poder de fazer alguém superior mesmo que não tenha valor nenhum; o lugar onde quanto mais você fizer o mesmo, mais importante se torna. Ah, afinal quem quer gente que atrapalha os planos?

Também temos dois modelos importados: o democrata e o republicano. O primeiro acha que o mundo todo é um mercado importador e o segundo acha o mesmo, mas quem não é importador é terrorista.

A menina parecia meio tonta, porém um brilhoso ainda passava nos seus olhos:

E se eu quiser ser diferente, perguntou hesitante.

Ah, sim, como expliquei, é a cabeça alternativa!

Não diferente, mesmo, não planejado, fora de controle, totalmente novo e imprevisto!

O vendedor franziu a testa como quem se esforça para imaginar.

A menina saiu da loja com sua bela e nova cabeça de papelão.

## *Espaço público*

**A** Biblioteca Pública havia sido fechada há um ano. A inauguração da nova Super Loja V estava marcada para aquele dia, com o professor da Universidade F, aquela que se diz uma empresa. Na festa, um jovem chegou para mim: “Você é repórter?” Sim, respondi. “Pesquise os casos de abuso sexual no Parque da Wiltey.” Quando tentei saber mais dele, desapareceu na multidão. Wiltey era um parque temático para crianças, onde todos os cantos de fada criavam vida, era a casa dos irmãos Grimm. Seria um escândalo para a marca se estivesse ocorrendo algo deste tipo lá dentro, se o lêmure que abre os braços das crianças estivesse passando a mão na bunda delas. Levei a idéia ao meu editor e ele deu ok para prosseguir as investigações, apesar da fusão entre nossa TV e revista e a Wiltey estar anunciada para dali a seis meses. Comecei a ir ao parque, primeiro como visitante, e depois fui atrás de reportagens sobre casos estranhos e cheguei a entrevistar 20 pessoas, mas elas me diziam que tinham medo de falar, pois muitas já haviam sido ameaçadas por poderosos escritórios de advocacia. Os casos eram logo abafados na imprensa, sabia que tinha muito mais. Uma moça me contou que quando trabalhou lá, foi estuprada por um cachorro falante, e um ex-segurança contou que a seleção de pessoal era negligente e seriamente perigosa, pois pedófilos eram selecionados. Um homem me disse que a empresa havia gasto mais de 1 milhão de dólares em acordos para silenciar em torno de 10 anos de casos estranhos. Comecei a procurar informações na rede, usando os grupos de discussão da A, mas os e-mails que recebi foram deletados pela “Equipe de ética da A”. A própria empresa explicou: “Somos um serviço que se orgulha de ter um grande apelo para uma ampla gama de indivíduos. Ao mesmo tempo somos também um serviço para a família.” Minhas mensagens foram censuradas, porque estavam fora do padrão de marca.

Tinha já material para várias reportagens de capa e uma série de matérias televisivas, porém quando cheguei à mesa de meu editor

ele apenas disse: “Não funciona”. Você está me censurando por causa da fusão? “Não há um lugar da América onde você possa publicar isso. Nesta história Golias sempre vence.” Revoltada, decidi procurar um jornal concorrente e oferecer a matéria. “Não podemos”, me disse o editor. “Seremos processados por cem anos, e além disso, a TV a cabo da região, que é de nossa propriedade, é patrocinada pela Cerveja sem álcool Muloc, que está sendo comprada pela Wisley.”

Decidida a publicar, fosse qual fosse o lugar, procurei o jornal do bairro, alegou estar sendo processado por uma loja gigantesca de hambúrguer de frango, porque publicou nota onde uma mulher dizia que seu filho passara mal logo após comer um de seus lanches. Chegou-se a falar em 1 milhão de dólares por danos morais de marca.

Nesta noite, recebi uma carta ameaçadora por fax, dizendo que “seria uma lástima para o país destruir uma marca tão solidamente fundida ao nosso sentimento de solidariedade global, e as consequências para quem tentar isso podem ser desastrosas”.

Não desisti e, em uma conferência sobre mídia independente, contei minha experiência de censura corporativa. No outro dia, saiu uma matéria em uma importante revista nacional, de um conglomerado parceiro da Wisley, onde dizia: “Repórter racista acusa lêmure.” A matéria tentava dizer que meu preconceito contra os lêmures vinha de sua cor escura e considerava minha pesquisa “uma forma de jogar sobre a comunidade afro-americana a pecha da pedofilia”. A Associação dos Lêmures Selvagens entrou com um processo contra mim, em que tentei argumentar: “Não odeio os ratos, lêmures, antílopes ou qualquer outro animal; trata-se de abuso sexual e segurança negligente.” Os advogados da Associação, pagos pela Wisley, apenas argumentaram que “aonde quer que um cd, um livro ou um filme rompa a paz da família e atrapalhe o sagrado direito a propriedade e à diversão, deve ser considerado ofensivo”. Após pagar uma multa de cinco mil dólares, me demiti do emprego, resolvi trabalhar com a preservação do camarão rosa da costa da Califórnia (de qualquer forma, começa a me incomodar que a Companhia Soul de Petróleo esteja destruindo o mangue onde os camarões nascem, mas ela é um braço da poderosa empresa de mídia JJLL.) Soube que na parede do jornal agora se lê: “Pense bem antes de escrever; não desperdice papel para ofender um aliado”.

## *O pequeno ditador de Al Ramin Khun Khan*

**A**l Haran Khan Lambushin nasceu em uma rica família de políticos e magnatas do petróleo. Na escola sempre tirava as piores notas, a ponto da professora ter de ganhar uma fazenda no Al Harin Texan para deixá-lo passar no terceiro ano, porque não conseguia entender como uma guerra podia ser fria se as armas eram quentes. Prometeu mudar isso, suas Guerras seriam todas como as guerras deviam ser. Os gênios sempre foram incompreendidos. Quando chegou aos 30 anos, um fracasso até como playboy, seu tio fundamentalista religioso resolveu puxar a orelha da família: esse menino já é homem feito e nunca matou um negro, nunca especulou na bolsa, nunca destruiu uma comunidade para implantar uma indústria pesada! A família começou a deixar discretamente alguns livros sagrados pelo caminho, e, como era bem previsível, ele logo leu, e, como também era previsível, preferiu aquelas partes que falavam do senhor dos exércitos, muito mais fáceis que as tais dar a outra face (de quem?, sempre perguntava).

Por essa época os fundamentalistas religiosos procuravam alguém não muito esperto para dar um golpe nas alas mais modernas, preocupadas em transformar países mais pobres em escravos de sementes modificadas em laboratório. Os conservadores queriam voltar ao velho e bom mecanismo de tirar e pôr presidentes, e ainda por cima ganhar uma grana na venda de armas! Foi assim que AL Haran Khan Lambushin se converteu e seu tio e seu pai lhe deram de Natal um time de basquete. O time foi crescendo e lhe rendeu alguns milhões de dinares, ou seja, se tornou empresário. Algumas falcatuas na Bolsa depois, tinha seus próprios milhões para começar a viver a vida real fora da mansão do papai: *resorts* em ilhas da Polinésia, hotéis em Las Vegas e fazendas dos amiguinhos da escola. Era uma nova era neo-conservadora, onde os países de Ter-

ceiro Mundo caíam nas Mãos de órgãos internacionais que regulavam sua economia, as corporações se concentravam e acabavam com o emprego, a mídia carnavalesca criava a sociedade da desinformação e uma turma neonazista parecia voltar à cena política com toda força.

Por essa época ele decidiu entrar na política, assim poderia continuar brincando de Comandos em Ação e fingir ser adulto: tinha um nome de família, verdinhas e um amor fanático pela terra da liberdade, que mais era preciso para governar o país? E nem precisou ganhar no voto: ninguém sabe até hoje como ele chegou lá se todo mundo votou no outro. Assim foi e, como presidente começou a falar suas frases brilhantes garantindo que os peixes e os homens podem coexistir pacificamente e que mais e mais as importações começariam a vir do exterior; também decidiu que já era hora de colocar esses putinhos alternativos pra correr: acabou com a tal da ecologia, essa viadagem verde, ignorou esses órgãos de acordo mundial, para que, se a seleção natural nos escolheu?, imaginou-se o novo Rambo, o Xerife do Ocidente (que legal!), e para isso começou a descambar para um vocabulário de Guerra (“Ou vocês estão conosco ou com os bobos e chatos”, dizia esse líder radical), censurou a imprensa, invadiu países de pessoas com fala estranha, roupas esquisitas e minas de petróleo, e decidiu que se não ganhasse levava a bola. Não que a imprensa desse primitivo país de fundamentalistas precisasse muito de censura: o Cão de Guarda, como se chamava Ted Al Hanin Khuturnin, representante da pequena rede de TV Al CninCnin, mandou mesmo que os seus jornalistas colocassem frases patrióticas nas reportagens e nunca mostrassem qualquer gota de sangue da guerra; a pequena e servil imprensa formou uma cortina do silêncio como em todo paisinho dominado por ditadores, para que o cidadão médio neste país exótico, se sentisse aliviadamente superior; afinal, quem pode duvidar que nosso modo de vida, do progresso, do Hamburguer e das vaginas da pop musica é o único correto? Eram debates engraçados esse da imprensa que se autoprotclamava o contrapoder: o senhor concorda? Sim concordo com você, aliás tenho mais argumentos a favor desse ponto..., onde os vídeos eram editados e as entrevistas a especialistas nunca falavam na velha e chata política, onde uma sutil ironia permeava tudo que falasse desses homens da caverna... O sonho de todos os impérios era concretizado: máquinas que entravam nas casas das pessoas e con-

trolavam suas mentes não com força, mas pelo óbvio recurso do “só há uma janela para fora, e é a nossa”; com sutil ajuste de verdades, ambigüidades e ocultações... este país demonstrava, afinal, que não evoluíra muito nos seus costumes rígidos desde os tempos das cruzadas.

Lambushin então começou a comparar-se com os bons e velhos heróis de guerra, os que salvaram o mundo do nazismo, do comunismo, de Fidel Castro, mesmo que em seu país os estrangeiros comesçassem a ser presos sem defesa de advogados, se criasse Ministérios de Controle e Censura, uma verdadeira Inquisição ao diverso... Como nas brincadeiras dos Comandos em Ação, só existe os que estão do meu lado e os que não estão: mais de dois é difícil de entender. Seguiu uma única doutrina, expressa pela sua assessora para Intervenções e Protecionismo, Al Condezza Mohamed Bin: “O governo deve prosseguir baseando-se firmemente no interesse nacional e não a partir do interesse de uma ilusória comunidade internacional”. Como disse um senador da velha ala moderninha: – Ele chegou ao governo sem saber muito sobre política externa e continua vendo o mundo em termos muito simples”.

Como se tratava de um país radical e fundamentalista de exótica etnia, procurou-se, como disse um patriota descontente, criar uma “civilização unilateral”, em que os órgãos internacionais de diplomacia ficam sempre em segundo plano, a obediência aos tratados internacionais deixa de ser obrigatória (para o nosso país), e o seu governo se dá o direito de criar medidas protecionistas internas, como barreiras comerciais e subsídios.” Coisa de cultura primitiva. Mas quem poderia dizer isso, se todo mundo sabe que essa é a Terra da Liberdade?

O diverso era agora quem pensava o mesmo, mas consumia produtos diferentes. Seu intelecto super capacitado conseguia criar metáforas sensacionais para explicar a complexidade da política internacional aos jovens de universidades onde ia conquistar aliados na Guerra do Bom contra o Mau (termo que tirara das Aventuras de RimTimTim): crianças imaginem um forte apache, tem os índios selvagens de pele escura que são do mal, ou seja, nunca têm razão, e os amigos bonzinhos que foram perseguidos pelos nazistas, ou seja, deixa eles brincar de tanque de guerra e ganhar pontos matando os escurinhos, dizia... Aprendera sobre os nazistas lendo a Mulher Maravilha (formou-se em política pela DC Comics, sempre curtiu

tentar voar com a roupa do Homem de Aço, até os 18 anos, quando seu pai lhe deu uma roupa de *cowboy* e um dicionário de inglês). Logo que chegou ao trono da nação, afirmou: “Conheço a diferença entre o ramo executivo e o ramo legislativo. Eu garanti a todos os quatro líderes que sei a diferença e a diferença é que eles aprovam as leis e eu as executo”. E outra vez completou: “O papel do legislativo é escrever a lei. É papel do executivo interpretar a lei.” Dificilmente tinha dúvidas, porque até para isso é preciso uma certa inteligência, mas se não sabia bem se devia cuidar das queimadas ou não, ligava para o Papai Lambushin, tentava entender bem o que significava isso (Então querem boicotar a livre economia! Cana-lhas!) e logo saía com uma, ora a solução para as queimadas é cortar as árvores! O tio Al Hassin, fundamentalista religioso, seu pai político e seus amigos de empresas de petróleo, madeireiras e indústrias armamentistas tinham um orgulho enorme, pois finalmente as coisas pareciam voltar aos eixos, depois da bagunça dos alternativos e dos presidentes que fumaram maconha, mas não tragaram: as culturas inferiores eram finalmente conduzidas ao bom e velho caminho da democracia, que significava abertura de mercados e presidentes amigos – um dia a gente democratiza aquela ilhazinha fedorenta –, pelos representantes da cultura superior, livre, com os melhores produtos, armas e tecnologia, o que no fundo era sinal dos enviados de Deus (não o Deus errado dos barbudos, o Verdadeiro Deus!), queiram eles ou não. Para sorte da humanidade, este era um pequeno reino de fanáticos no obscuro mundo das culturas excêntricas.

## *Cúpula Global*

Vinte e cinco de abril de 2053. O deputado republicano Donald Bowell apresentou ao Congresso sua proposta de uma Cúpula Global. Ela prevê a construção de uma megacúpula que envolveria a Terra, e todas as ruas seriam transformadas em ruas de compras, com a vantagem de fornecer ar refrigerado para todos os seus habitantes, com exceção dos inúteis. “Inúteis”, diz ele, “são para mim os velhos, as crianças pobres, que serão assaltantes quando crescerem, e os revolucionários.” Estes deveriam ser colocados em uma nave e expulsos para um satélite, quem sabe a Lua. Este processo reformularia a nova ordem mundial, onde alguns continentes são trabalhadores, flexíveis e consumidores, e outros produtores de informação e marcas. As duas empresas do Planeta vão abrir concorrência para tentar criar a supernave. Também discutem qual das duas vai enviar armas para suas guerras internas no satélite ou planeta.

Tudo começou quando uma lei do G8, em 2020, aprovou a criação de Estados produtores-consumidores e estados administradores-criadores. Nos Estados consumidores o padrão de vida caiu muito depois que foram extintos serviços de saúde e educação pública, e os moradores ainda rentáveis foram transferidos para as colônias “multiculturais”, cidades sobre o oceano, perto de Miami e Nova York. Estes estados foram abandonados pelos órgãos de assistência, mas mantidos por causa de suas guerras e da produção de drogas.

Então um deputado da União Européia propôs a criação de uma pílula que eliminasse as horas de sono, pois são horas em que “não fazemos nada, não consumimos”. Muitas pessoas escolheram e tornaram-se adeptas, pois podiam trabalhar mais, já que não há as antigas leis trabalhistas nem aposentadoria. Os preços dos produtos de entretenimento e informação são cada dia mais caros e é preciso ganhar mais.

Em seguida, em 2023, foi inventada a “memória coletiva”, um chip que possibilitava aos usuários escolher quais memórias poderiam ser suas e criar o seu próprio passado. Claro, dentro dos programas teria publicidade direta para cada tipo de memória. Posteriormente (2030) foi criado o “filme-vida”, onde o consumidor poderia viver quantas horas por dia quisesse no seu filme favorito (havia o mundo-cinderella, o mundo-cowboy, o mundo-surf e até o mundo-politicamente-correto). Quando as pessoas passaram a ficar 18 horas por dia imersas no mundo virtual, surgiu o *blood-game*, onde as pessoas podiam ficar todo o tempo no seu filme se fornecessem seu organismo para hospedaria de uma bactéria ultrapoderosa, capaz de criar energia que mantém os softwares rodando. As duas empresas do Planeta entraram com ações na justiça, pois estas pessoas acabavam por não consumir, mas a Planet Cool comprou a indústria que produziu o jogo e agora planeja ampliar o número de pessoas que doam seu sangue. A Planet Cool conseguiu na justiça uma resolução onde – sendo o sangue um produto patenteado por uma empresa de tecnobiologia ligada a PC – uma cláusula será anexada obrigando a todos os seres humanos a entrar no *blood-game*. O processo está no Superior Tribunal Mundial do G8, pois contraria o plano de mundo da sua concorrente. Em breve, com a privatização do ar que tramita no Congresso, a única alternativa será entrar no *blood-game* ou ir para outro planeta.

A Universe Co. está projetando um novo planeta onde se possa passar todo o tempo de férias. Seriam 20 anos de diversão pura, e depois os doadores se comprometem a doar seus órgãos para a empresa (que pretende vendê-los para os mundos de expulsos) e a viver como cérebros onde serão a chips de excitação contínua, com as impressões escolhidas pelo doador. Por isso logo deve ser aprovada a lei do deputado.

## *O criminoso*

**M**eu passatempo preferido é estuprar garotos nos becos (claro, sempre vendo antes a identidade.). Nunca li mais de duas linhas em toda a minha vida e não acredito em Deus; Jesus tinha era um harém. Roubar com canivete não tem graça se não rolar um cuzinho no meio; afinal, como já me disseram, eu só tenho cintura pra baixo e meu pauzão cabeçudo precisa de um rabo para meter senão me põe doido, me adocece. Pois é, depois de 35 anos de escuridão e violência, acabo por comer um rapazinho que caminhava bem distraído pela rua. Nunca fui acusado de assédio sexual. Só que ele ficou tão calmo, tão sereno, e eu metendo tudo, que aquilo quase me comoveu. Perguntei se estava gostando e ele não disse nada; era muito bonitinho e tinha o cuzinho virgem, pelo que notei, era estreito e apertava meu pau. Aquilo me deu muito mais tesão e gozei muito, e ele também gozou; você gostou seu putinho, disse, e ele, de olhos baixos, passou a mão no meu rosto e saiu. Eu fiquei tonto, como se tivesse me dado uma facada, eu tremi inteiro, nunca ninguém me fezera um carinho. Minha mãe me pariu como quem quebra um ovo e joga a casca fora, e eu nem me lembro nunca de ter mamado.

Fiquei aí, duro, de pau pra fora, e quando me dei por mim ele já estava no fim do beco; gritei meio louco, como é teu nome?

Ele respondeu, Chames.

Mas fiquei parado, fiquei ali feito uma pedra e quando finalmente pude me dar conta de mim, tentei correr até o fim do beco e não achei mais nada. Foi aí que minha sorte mudou.

Tentei voltar de onde ele tinha vindo e refazer o trajeto; toda a noite eu ia e tentava. Depois comecei a perguntar nos botecos, perguntar na escola do bairro, comecei a ir em todas as escolas do mundo e perguntar : Você conhece Chames? Não.

Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não.

Cada resposta negativa era como abrir minha ferida, matar de novo o único que me amou em toda vida.

Andava pela cidade, no meio dos caros, e olhava para todos os lados, mas ele não estava.

Um dia, enquanto eu chorava na beira da caçada, a mulher do dono do boteco chegou perto de mim. Ué, chorando? Nunca te vi assim, parece que perdeu o orgulho.

Contei para ela o ocorrido. Eu nem me importava mais que minha moral se perdesse por estar mendigando o amor de um guri. Nossa moral só vai até onde a gente pode. Uma vez ouvi dizer que o planeta Saturno é o planeta das enchentes, do mal, dos demônios; é ele que rege as noites onde nós choramos perdidos, onde queremos morrer. Nossa fantasia, o herói que nós somos, a bela força do meu braço, tudo se torna pó; a gente tem de começar do chão, de lambar o chão, de se rastejar. Porque era muito fácil ser herói, mas era tudo mentira.

Chames, disse a mulher? Parece um nome das Arábias. Tem um árabe que mora no final da rua, tu, sabe, pergunta se não é o filho dele...

Fui. O homem me recebeu como se já fôssemos irmãos. Barbu-do, sua casa era forrada de livros e coisas estranhas, tapetes, cadeiras douradas, parecia um jardim cheio de fores perfumadas, rosas. Eu fiquei meio zozzo, queria perguntar, cadê Chames, onde está chames, mas ele me conduziu ao fundo, era uma biblioteca enorme e pouco iluminada, me serviu um chá e disse: esperava por ti.

Olhou bem nos meus olhos e disse: você guarda o segredo como se fosse sua alma?

Eu estava como que tonto, acho que era o chá, tinha uma fumaça no ar e fui perdendo os sentidos. Você conhece Chames, perguntei?

Ele riu. Olhei para o canto, atrás de uma porta, era ele, ele, meu rei, meu senhor, Quis levantar, mas ele estava longe, cambalhei, estava pesado, pesado.

E o homem começou a falar e disse:

A partir de hoje tu vai vir aqui todos os dias, eu te conto tudo aos poucos e te dou minha sorte.

E ele começou a contar que quando estava na Palestina, há 30 anos, encontrou no deserto uma inscrição em argila e guardou, porque não entendeu nada. Os anos passaram, ele veio para o Brasil, mas aquilo martelando, aquilo lá dentro. Depois que se fez na vida

começou a procurar línguas, estudou as antigas e descobriu que era grego; um grego fenício bem próximo da origem da linguagem. Começou a pesquisar então os textos mitológicos, Homero, Hesíodo, os primeiros filósofos e místicos. Lá estava: bimba!

O que ele descobriu foi um segredo muito sério, que possivelmente destruiria boa parte do que se tem notícia no Ocidente. Porque Homero foi e sempre será o pai da escrita, o homem que primeiro colocou em versos o pensamento de um povo; dizem que os gregos não sabiam quem era grego se não por ter ou não ouvido Homero; e o Ocidente se construiu com a idéia de que tinha uma identidade, que era Homero, Platão, Dante e Shakespeare; é o que nos diferencia, o que nos faria superiores, o que nos faz originais; se alguém provar que Homero era negro ou índio, que Homero nunca existiu, é como se desfizesse nossa ficção de Ocidente, como se nos reduzisse a mais um povo que veio do pó e que come bichos. Mas o que aquelas tabuinhas mostravam era que justamente Homero nunca havia existido; eram versos das primeiras estrofes da canção. A primeira era com as primeiras linhas de cada canto. A segunda, datada de 40 anos depois, com mais um pouco; e só a terceira era completa com toda uma estrofe, de quase dois séculos mais tarde. Ou seja, é como se diversas pessoas fossem aos poucos escrevendo uma tradição oral, muito lentamente no decorrer dos séculos. Dizem que os gregos tornavam figuras míticas as coisas que eram importantes: ninguém tem certeza se existiu Licurgo de Esparta ou Sólon de Atenas.

Continuei indo porque minha vida dependia disso. Cada vez que Chames passava no fundo da sala, cada vez que via seus olhos, uma chama em mim ardia, mesmo não podendo falar com ele. Mas pelos olhos, pelos olhos eu dizia, eu te amo Chames, você é a vida para mim.

Ele me ensinou a ler mais, me deu uns livros, e eu, eu tive de ler, tive de ler para viver. Minha missão seria apresentar o material numa conferência que iria ser daí a um ano, e eu, que era brasileiro, teria muito mais credibilidade. Neste meio tempo, muita letrinha, antropologia, história, filosofia. Finalmente, um dia, na cozinha, peguei Chames em meus braços e o apertei contra meu peito, que tremia, eu te amo, disse, e ele sorriu e fugiu.

Lá fui eu, forjei um diploma universitário, falei para especialistas.

Foi ai que minha vida mudou mesmo. Comecei a ser perseguido. Um carro negro parava a qualquer lugar que eu ia. Da janela de meu apartamento via sempre algum homem estranho me cercando na rua.

Comecei a andar me cuidando nos becos, a pegar caminhos diversos, a ficar paranóico. Finalmente disse ao árabe que teria de me esconder na sua casa, porque corria perigo de vida.

Assim fizemos e eu já não saía para nada, Chames me trazia comida no quarto e eu ficava lendo, lendo, lendo, aprendendo árabe e tudo. Ele vinha com seus olhos lindos, mas eu, eu nem tinha coragem de tocar nele, de o beijar. Um dia percebi que estava pondo sua vida em perigo, a de seu pai, peguei minha mochila e ganhei mundo. Ninguém se importa se você mata pessoas, só não pode mexer com o que pensam sobre si mesmas.

Estou escrevendo estas linhas aqui, num boteco da estrada, porque já percebi que estou sendo perseguido de novo, e com certeza, com certeza não sobrará muito de mim. Pedirei para o dono do bar colocar no correio, pela minha ama, para que tu, tu saibas Chames, que nunca te esquecerei até o dia do juízo.

## ZPE

**M**aria Rodrigues vivia na terra branca, onde as caixas de plástico flutuavam sobre a terra, entrava na fila, mostrava a carteira para o guarda; nenhum barulho, sem ser o das máquinas, a conversa era proibida, e ao sair andar pelas ruas desertas da zona de exportação, e catar as moedas que não davam para alimentar as crianças. Caminhava de cabeça baixa, sem ver o cartaz “promova a paz e o progresso do país” e “Não dê ouvido a baderneiros e agitadores: sindicato é desemprego”. Lembrou-se do caso de Ranjith Mudiyansele, que reclamou de uma máquina com defeito que decepou o dedo de um colega e foi encontrado morto, espancado e queimado sobre pneus do lado de fora da igreja; seu advogado teve o mesmo fim. Também teve sua amiga Carmelita

Alonzo, pois quando há grande pedido se vira até uma semana com horários das 7h às 2 da manhã; Carmelita pegou pneumonia, como muitas de suas colegas (as caixas de gente são sufocantemente quentes ao sol e cheias de vapores à noite) pediu um tempo para se recuperar e esta lhe foi negada; faleceu no dia Internacional da Mulher, data pra feministas debaterem assédio sexual onde a televisão foca. “Isso pode acontecer um dia comigo”, ela falou, tentando driblar o sono, pois quem se recusa a fazer hora extra é demitido. 4 dólares por dia um exagero, já que mas na China empresas de supermarca podem pagar até 13 centavos de dólar por hora. Caminhava de cabeça baixa, os caixotes empilhados, como andorinhas prontos a levantar vôo caso algum direito se avizinhasse. Estava com uma vontade horrível de ir ao banheiro: ele só ficava aberto em dois intervalos de 15 minutos, e era gente demais.

Muitas vezes fazia em sacos plásticos embaixo das máquinas, como suas colegas. As suas horas extras eram pagas com canetas. Tinha de remover as ervas daninhas do caminho para a fábrica e limpar o chão da fábrica após o expediente. Os superiores costumavam abusar das funcionárias, mas isso era abafado. Lá fora cidade

era uma velha cidade industrial: poluição, rios de esgoto, hordas de migrantes, criminalidade. Um dia tinha visto o presidente falar na televisão: “As zonas de exportação vão atrair investimentos estrangeiros, que podem decidir permanecer no país, transformando-se em transferência de tecnologia e indústrias nacionais. São vinte e sete milhões de pessoas empregadas nestas zonas, uma prova de desenvolvimento.” Mas só o que ela fazia era encher caixas com produtos que ficava a imaginar para que servissem, nunca saberia como operar: telas de computador, e na fábrica ao lado, sapatos e jeans. Uma vez ouvira também um executivo estrangeiro falando: “Consumidores comprem marcas, não coisas. Não há mais valor em produzir coisas. O valor é agregado pela pesquisa cuidadosa, pela inovação e pelo marketing. Para investir em publicidade, precisamos de baixos salários, e melhor se nem forem pagos por nós. Só assim conseguiremos passar de um lucro de 100 por cento para 400 por cento e nos tornarmos competitivos”, mas não entendera muito mais além de que eles estavam fechando 11 fábricas na Alemanha (mas onde era mesmo essa Alemanha?). Pelo pouco que sabia, estas empresas não pagavam nenhum imposto para operar, alugavam um hectare a preço de meio hambúrguer, importavam e exportavam sem pagar taxas e pagavam ao pessoal menos do que era preciso para viver. O exército estava sempre pronto para reprimir descontentes e a o tempo de trabalho era de 14 horas diárias. Nas zonas nem o poder municipal entra: era a lei do mais forte.

Naquela tarde, entretanto, Maria sabia que estava ocorrendo um programa barato de auditório, para o qual havia enviado os cupons, enquanto entupia suas crianças com uma gororoba para encher o estômago: macarrão e arroz frito. “Vamos sortear uma viagem a América” dizia a propaganda, “você conhecerá o mundo dos sonhos!”. As moscas voavam, a gordura enchia a casa, a parede descascada suave no calor infernal: mas entrou a vizinha gritando, Maria ganhou! Ela ganhou! Ela ganhou! O apresentador colorido enchia o palco com mulatas nuas e balões de coração que refletiam as paredes douradas.

Quando ela entrou no avião parecia estar entrando em outro mundo: de repente havia pessoas bonitas, sorridentes e comida a vontade! Então chegou o grande dia!

A empresa patrocinadora levou Maria ao shopping, um grande palácio onde reluziam pérolas exóticas, onde tudo tinha um símbolo, como se apenas um traço explicasse tudo que podia haver por traz daquele objeto, cada uma com um estilo diferente: o conceito do amor, o espírito da amizade, a atitude radical. De repente, lá estava ela, com a TV atrás, frente ao “Templo da Coragem”, uma superloja feita em mármore, onde tênis ficavam em cima de belas colunas gregas e imensos cartazes com jovens nus em preto e branco explodiam dizeres como “velocidade: você terá uma” ou “poder: nada mais importa;”. Ela começou a subir os degraus dourados que levavam ao salão de ouro, um imenso hall onde esculturas de ídolos do esporte brilhavam em alumínio, embebidos de uma luz azul. Cada degrau tinha um slogan: “atitude”, “força”, “liberdade”. Ela ia subindo devagar, com os olhos ofuscados pela luz do ouro, pérolas e luzes; falavam os repórteres, os executivos sorridentes, as vendedoras robóticas; como voltar a terra branca, como voltar para casa? Maria colocou a mão no bolso, trazia um pequeno canivete. As luzes, o ouro, pisou no degrau liberdade, viu uma imponente estátua da deusa em mármore, com vários tênis aos seus pés, e um escrito na base: vitória. Quando caiu, o vermelho manchou o mármore de um milhão de dólares.

## *Um porto-alegrense*

Sou um porto-alegrense de classe média. Minha semana: furo a fila do caixa eletrônico na manhã de segunda, deixo meu cachorro cagar a rua toda na terça, passo sinal vermelho na quarta, trato mal minha empregada na quinta, seguro a porta do elevador na sexta e vejo um filme no sábado. Vida? Nossos criados cuidam disso pra nós. Eu sou antipático com os desconhecidos e gentil com os mais ricos. Sou capaz de ir ao Hotel da Torre de Napoleão e gastar um salário mínimo para ter 12 salas de estar e internet 15 vezes mais cara; mas, sim!, uma canetinha com a marca da Torre de Napoleão. Vez em quanto pego uma puta pra beber minha porra, sei que ela precisa de dinheiro pra criar o filho. Uma vez, no meio da foda, arrebatava o cu dela sem molhar, liga o guri: “A mãe também te ama, to com saudade meu amor”. Ótima desculpa pra não pagar o rabo. Me criei ouvindo “uma marca chamada você”, comprando tênis para virar herói, e agora ouço as empresas dizerem “não somos contra os sindicatos” enquanto demitem os líderes no México. Ouvi 10 anos sobre os milagres do livre mercado e agora os políticos dizem que o problema da Argentina é que ela não privatizou o ar. Portanto, faça sua política, mate os abaixo de você. Odeio a idéia de que 47% da riqueza nacional estejam nas mãos de 10% da população e 70 milhões de trabalhadores migrantes existam por causa das fazendas industriais, desemprego e represas do Banco Mundial, é preciso fazer alguma coisa: uma faculdade na UFRGS, lendo europeus mortos, será o bastante. Sou um porto-alegrense de classe média. Sou um porto-alegrense de classe média, essa que desapareceu. Acho que o sistema do lucro deve ser desfeito, o capitalismo que ninguém sabe onde mora, já li Michael Moore. (Aliás, esse capitalismo do Brasil é um em que as pessoas não podem comprar, os capitalistas não gostam de emprego, seguem *A factibilidade Política do Ajuste*, de Christian Morrisson, agente do G8 para o Ajuste estrutural dos anos 90, “aplicar um programa discriminatório, que

faz certos grupos suportarem o ajuste, e poupe outros que apóiem o governo”, e “aplicar planos de reestruturação que seriam rejeitados nos países desenvolvidos”, como “demitir e reduzir salários, no interesse do todo”, mas “incentivar as forças da ordem, em uma conjuntura difícil, pois podemos ter necessidade delas”. E, sabe aquele truque de 1964: as pessoas apóiam até a ditadura, se se sentirem inseguras, portanto, todo pensador que não concorda comigo é terrorista.) Eu gasto em uma compra de camisa o salário do mês de minha empregada. Adoro ir no Gasômetro, correr no Parcão, tomar chimarrão na Redenção, assar um boi inteiro no domingo e sou disciplinado – ah! as marcas da nobreza – em nunca respeitar alguém que não me dá vantagens, que não é meu cliente: dobrar sem dar sinal – o esporte da classe média brasileira, principalmente meter por cima das velhinhas, é divertido vê-las correndo – nunca chegar no horário marcado – desse modo me divirto fazendo os outros perderem seu tempo – e prensar o carro de trás num sanduíche para não poder sair. São coisas pequenas, e eu mostro que só há uma lei: as pessoas depois dos lucros. Trabalho numa dessas empresas de telefonia que fazem você ficar 40 minutos e ouvir 15 propagandas com musiquinha antes de lhe dar qualquer informação (é verdade, já contei, uma vez um cliente disse “a moça da outra célula disse pra eu lhe dizer que essa é sua função e não a dela”). Sem problema, depois patrocinamos algo que seja de acordo com nossa imagem rebelde, nada de muito “cabeça”. Minha função, como branco classe média, é manter os negros, os marrons, os camponeses loiros sem dentes, os amigos deles, fora da sociedade, como lixo que devem ser (e não venham me falar de racismo, tenho muitos amigos negros que incorporaram a exclusão, cujo único objetivo é mostrar que não são pouco burgueses, muitos negros ricos sofrem da síndrome de Jackson, vão ficando com a pele mais clara a medida que a conta no banco aumenta, compram carros importados, condomínio fechado e passam a odiar pobres; isso me dá a desculpa certa, posso ser racista – digamos, na linguagem das lojas de tênis, seletivamente diferenciador de gentes, sem culpa); há duas raças no Brasil, pobres e ricos; aqueles que tem todas as opções e aqueles que não tem opção alguma; nossa função é mostrar que nós sabemos inglês, nós conhecemos Nova York, nós fizemos faculdade e isso nos torna uma raça superior. Eu vejo um show de rock e penso – que bom que vivo em uma época em que a propaganda desenvolveu em

nós o sentimento de inferioridade, ninguém quer ser do time que está perdendo e a arrogância virou chique. Os pobres trabalham no tráfico de drogas e eu com minha multinacional, ambos queremos ser alguém, dançar na ditadura, digo, democracia terceirizada do crime e das multinacionais, dançar como estrelas que queimam a si mesmas ao brilhar. Tudoemum, terra do trabalho voluntário, da esperança, do coronelismo televisivo – sociedade colonial burguesa, Brasil. Assim como Angola, dizem que é uma democracia.

Símbolos de poder, marcas da casta. Nada melhor que passear no Brique no domingo, uma vez por mês dar uma passada em Atlântida e jogar um voleizinho. Ser padrinho da um casamento na Santa Terezinha no sábado e traír a noiva no chat de madrugada. É uma delícia fazer parte da raça que tem carro e msn. Comer um hambúrguer caro como 52 milhões de eus no mundo. A burguesia não morreu, ela se mudou pro Rio Grande do Sul. É o executivo rico que bate na esposa. O dono de supermercado que compra um pé de alface a 0,02 centavos e vende a 60. A polícia que bate em universitários. O governo que abre mão de impostos para empresas robotizadas e aumenta impostos na comida, e vende empresas públicas para aumentar nossa luz elétrica. Aqui a luta política não é entre o partido da indústria de armas e energia *versus* indústria do sexo e energia, como no Tio Sam, e sim entre a mulher pobre que engorda seus filhos dando massa e pão todo dia e a universitária que gasta 2 mil reais numa blusa importada, ou eu que compro um terno por 7 mil reais, depois dou esmola no sinal. No Brasil, terra que ainda não fez a Revolução Francesa, a superestrutura é a infra-estrutura, comércio é cultura e cultura é comércio, política é informação e informação é política, ser burguês é ser artista, ser rebelde é ser conservador, ser branco é ser bom, rico e ter mais melanina na pele é ser mau e pobre. Ah, e tem a Semana Farroupilha! Nossa celebração do passado heróico, onde o gaúcho de rédea de prata e o gaúcho de pé no chão parecem ser todos bravos guerreiros, história da honra e da espada, faz dos ricos os merecedores da sua posição; o gaúcho sem terra, expulso pelas cercas, proletário, esse não faz parte do nosso passado de monarcas do pampa, caudilhos doutores. É tão bom não ter de dar satisfação a ninguém. No nosso estado de caudilhos, para muitos é quase chique desprezar os desconhecidos, colocar os subalternos no seu lugar, rir da vontade de ser alguém desses seres sem carro e sem olhos azuis. É uma diversão burguesa

discriminar. Os barões do gado, os barões do café, os donos de escravos, todos eles vivem e dão risada ao passar o sinal vermelho. Quem não tem carro não merece respeito. Ah, eu aprendi desde criança que seria bom se comprasse o produto certo, que a violência é o melhor caminho, e a solidariedade é um churrasco de domingo.

Exclusão gera malandragem. Eu vou a um jantar de família, discuto o PT, falo da Amazônia, falo de nutrição, acendo a lareira e tomo vinho. Eu sei de tudo, tenho que salvar minha pele, só. Na transição para o Terceiro Milênio da Era Cristã: com 800 milhões de pessoas passando fome no mundo, 200 milhões vivendo em pobreza absoluta na América Latina, sei que os sonhos ressurgem. Sei que a sociedade se levanta contra o fim das proteções públicas e surge um novo movimento internacional pela dignidade humana, feito de redes festivas, jovens, sindicalistas, camponeses, feministas, ecologistas, universitários, internautas, anarquistas – supõe-se que no Brasil existe 1 voluntário para cada 3 pessoas carentes. Acendo a lareira e tomo vinho. Eu sei de tudo, e tenho que salvar minha pele, só. Enquanto nas ruas e na Internet as pessoas bradam “Corporações – parem de comprar nossos políticos”, “paz é justiça social”, “privatização também é terrorismo” e “FMI vá para o Inferno!”, de seis a oito companhias controlam a comunicação no planeta, o livre comércio apóia ditaduras como Arábia Saudita e China, ressurgem o louco fanatismo terrorista, o fundamentalismo cristão com as empresas de energia invadem países para “acabar com armas de destruição em massa” invisíveis. Eu nasci bebendo o leite envenenado de Reagan e Thatcher, que delicadamente aumentaram vinte vezes os juros da dívida externa e acabaram com os sindicatos e as empresas públicas. E no Brasil, eu ouvi rock e Collor usando o marketing de acabar com a corrupção para confiscar as economias privadas, até FHC vendendo o país e funk e o governo agradando o G8. Democracia sem participação, arte. A arte se tornou produto industrial de multinacionais ou marketing das empresas. Eu, neste país cheio de novas idéias e soluções criativas, onde sempre há lugar para a esperança. Acendo a lareira e tomo vinho. Eu sei de tudo, agora, tenho que salvar minha pele.

Uma raça superior. E daí, quem sabe, um dia nos livramos deles não com tratados internacionais, livre comércio, restrição de fronteira e fábricas escravistas. Quem sabe não se repete aquele belo cenário de solução final? Pobres: triângulo preto. (E o tráfico vai

antes e melhor). A rádio não toca samba. A rádio não toca samba. A rádio não toca samba. E se vocês, vocês escurinhos loiros sem terra – que deveriam estar cantando “elas estão descontrolada” e pensando em como ter um tênis que seu colega não tem– se derem conta que ter um negro na loja de 100 funcionários e cartazes com negros ricos na praia não é dar oportunidade a sua gente e tentarem reagir, nós saberemos colocar-lhes no seu lugar. Nós lhes chamaremos – na TV, no jornal, fazendo manifestações na rua se preciso – de radicais, marginais, nós estamos fazendo lindas prisões pra vocês e nós achamos o tráfico um serviço de tele-entrega da nobreza. Nós fazemos sexo como cadelas, ficamos vazios de pó, como vocês, a diferença é que moramos em condomínios de 1 milhão de reais e vocês dormem com mãe e irmão na mesma peça, morrem no vício legalizado dos miseráveis e têm de pagar pedágio pra usar a várzea da vila. Brasil, democracia racial, potência industrial, explosão de carnaval, ciência internacional, miséria século XIX. E isso é divertido. Ratos. Protegidos por vidros de vitrine. Você que é mal vestido, você que é preto, branco e analfabeto, você que não usa desodorante. Só que aí alguns de vocês reagem, alguns de vocês viram malandros, violentos, tiram vantagem no flanelinha, no “tíatiumreal”, alguns de vocês são as ajudantes em casa que nunca querem carteira e depois te metem na justiça, os pedreiros que nunca acabam a obra, o cobrador mal educado e o motorista que arranca antes da gente subir. Exclusão gera malandragem. Aí vem a esquerda imbecil e diz que o cara de pau é uma vítima da sociedade, você que tem um carro é culpado da concentração de renda e da invasão do Brasil em 1500.

Classe média – cada vez com menos direitos, porém uma raça superior. Eu sou o político que dá computadores aos índios sem comida, que vende idéias sociais para dar dinheiro às corporações, que transa sem camisinha e dá palestra sobre direitos humanos na Somália. Tem alguns amigos meus na cidade que ainda sabem o que é realidade. Mas convenhamos, quem quer a realidade quando existe o videogame e a polícia bate nos pretos? Eu sou um porto-alegrense de classe média. Eu me visto muito bem, e quero que você se foda.

## *Conto pós-moderno*

**A** linguagem guarda a esfera do tempo, o tempo que a deteriorará, o tempo do futuro da des-palavra. Você é um texto, otário. Como podemos supor a ligação entre palavra e mundo? Quando o homem inventou linguagem, quando significou símbolos, inscreveu a perigosa ética nefasta do adiamento, a crença de que o nada poderia ficar fixo e manter-se nada além do tempo vivido da troca significativa. A voz do símbolo é uma traição ao fluxo da vida, genealogia dos critérios desfeita, sentimento de onipresença do Todo – da Totalidade – que encobre o sempre outro da linguagem. Porque a Voz, essa entidade afônica que pasteuriza do presente, é feita de um vento na laringe, um vento metafísico que é oco em seu ser, mas carregado do contexto de manifestação e de vontades de poder, luta e glória. A palavra é expressão do sempre sendo, enquanto o Logos tenta apresentar-se como ser sempre presente, pela ruptura dos fluxos de significante. Agora que Althusser nos mostrou que não existimos, somos unificados pela imagem da ideologia, o espelho, somos função da classe, do meio de produção, da sociedade, reprimidos pela castração Lacaniana, onde toda palavra poderia dizer qualquer coisa; que Niels Bohr afirmou que uma realidade independente no sentido comum não existe; que Martha Medeiros disse que “é preciso fazer coisas diferentes e ser feliz”, sinto que escreverei outros círculos desfazendo meu eu só, que olha essa galinha fritando.

É bem verdade que o Logos de Heráclito significa o romper da união mística da magia com o cosmo do homem, a noção de palavra-efeito, simpatia, e o surgimento da palavra na sua função semântica e simbólica. O drama grego foi o combate entre a linguagem da cidade que se erguia e a tradição homérica que puxava os homens para a terra dos mitos. Seria ingenuidade supor que não há medo nas instituições quando fazemos genealogias. Por exemplo, a solidão que sentimos, a solidão que o Eu sente, no fim do milênio, tomando uísque sozinho no apartamento envidraçado no alto do

prédio, é como o sentimento do homem frente à percepção de que não há esta metafísica; ligo a televisão e vejo os simulacros e sua ironia, a proliferação da solidão em ligações onomatopéicas, abro um saco de batatas fritas e divido com o ar. Sim, há a vizinha que eu como, há Coltrane, mas há o devir, tudo é movimento, o nada está sempre fugindo. Esta é a situação da palavra no fim do milênio, esta palavra que nunca é atingida, mas escoo como lágrimas, moda efêmera, o que nos leva de novo a diferença entre mostrar e dizer de Wittgenstein. Abro o chuveiro: as gotas me lembram bolhas de universos brana, onde vivemos na superfície solitários. A metáfora mesma está perdida, ela que é essência da linguagem, da linguagem mitológica e da ciência, metáfora da verdade perdida, nunca existente, origem nostálgica inatingível. A igreja teve com certeza seu papel neste hábito confessional, que reduz o eu a matéria da psicanálise: o grito calado, o peito estufa-se, o homem que nunca amou. Amar ama-se, várias vezes, não o dizer; o dizer perdeu-se no jogo das vontades de poder; entre a coletividade e a certeza se trama o destino único da coletividade e do indivíduo. Com o ar dândi, fumo um cigarro, desço as escadas para fazer exercício; ali a linguagem só, a linguagem do cimento seco, eu choro; mas um amor que não se ama, um amor que morre em si. Tomo meu uísque, sento, espero passarem as horas. Este é o gesto de um poder que não admitiu a herança platônica caída. Na cama, olhando o teto, nenhuma paranóia dos miseráveis becos russos, nem a epifania de Joyce; isso seria sonhar. E sonho é uma herança metafísica, pós-hegeliana, uma nota fora do tempo.

## *Yuleyev*

**M**andavam as ordens que fosse rápido e inflexível. Subia a carroça com solavancos, o monte escarpado, vendo as imensas nuvens negras que se aproximavam. “Um terrível lugar para morrer”, pensou padre Stevan. As rochas faziam a carroça saltar, e ele fechava os olhos tentando distrair-se do imenso abismo. “Falta pouco!” Gritava o gordo padre que a sua frente, estupidamente, demonstrava um sereno sorriso, suando e fedendo como um porco. “Não quero ser enterrado com esse animal”, pensou. Um solavanco, a cabeça no teto, “merda!” Gritou o cocheiro. O gordo e o cocheiro foram estrada abaixo. Tomado de um sinistro pânico, com a respiração alterada, tentava não olhar para baixo, e acalmar-se. Maldição, a noite chegará antes deles, os lobos estão à solta. Deveria ter ido com eles. Encostou-se por fim ao lado de uma rocha pontuda, tentando encobrir com sua capa um vento inoportuno que fincava os ossos. A roupa apertada – tinham de usar calças para evitar assaltos -trazia-lhe uma sensação de sufocamento. Distraiu seu pensamento com os relatórios, as normas, as avaliações que deveria fazer. Devia ser detalhista; julgar sem piedade; era a Sagrada Mãe. Um ruído lhe fez saltar, acordando. “Senhor!” “Está perdido senhor!” gritava uma estranha figura, envolta em um capuz negro. Por alguns instantes estremeceu, parecendo ter visto um filho dos infernos, um monstro. Acalmou-se e tentou falar baixo, desculpe, qual seu nome amigo, falou entrecortado. Yuleyev, o anão sombrio, disse a estranha figura sorrindo alegremente e tirando o capuz. “Meu nome é...”, ia dizer Padre Stevan, mas subitamente não, não fazia sentido algum ser ou não ser coisa alguma naquele deserto de almas. “Stevan”, disse, abaixando a cabeça. O Anão sorriu mais uma vez e respondeu: “O senhor não devia ficar aqui essa hora... o sol cai e os lobos atacam... Ah, uma roda quebrou... Seus amigos foram...” sem deixar que respondesse continuou “eles vão demorar, deve vir comigo a minha cabana, no fim da estrada, no alto dessa colina”. Uma sensação de

desespero tomou conta dele. Decidiu empreender a marcha, enquanto seu coração e seu eu pareciam entretidos cada qual com alguma mórbida idéia. “Sou um mago, o senhor sabe”, foi lhe dizendo o anão. Morro aqui há tanto tempo que nem mais me lembro como vim aqui parar e riu profundamente. Stevan ia ficando calado, quase nem conseguia mais pensar. Chegaram por fim a uma cabana no meio de densas árvores, cheias de um capim peludo e onde um forte aroma de jasmims deixava-o enauseado. Uma massa negra avançou como um raio. “Esse é Lork, meu sócio”, um enorme cão negro veio dar a pata, mas Stevan viu antes um urso e pensou em gritar. O fogo, serviu-lhe um chá verde. “Serei envenenado, pensou”. “O Senhor vem de longe, posso ver pelos seu sapatos”, disse o homenzinho. Partiu o pão, deu um pedaço ao faminto viajante. “Moro sozinho aqui... muita pouca gente veio aqui...” e apontou um imenso machado que ao longe, pela força do fogo, parecia feito de alguma substância desconhecida, negra, ou talvez fosse apenas muito velho. Por um momento Stevan serenou, pensando, será por fim apenas um caçador, mas sua mente começou a deslizar, e o fogo pareceu soltar lâminas de cor azul. “Estou sendo envenenado”, essa sensação foi tão forte que quis levantar, mas seus joelhos não obedeceram... O anão falava continuamente e na sua mente ele ouvia histórias de ninfas cinzentas, bruxas e sereias que se apossavam dos corpos dos homens, homens marcados para morrer e mortos vivos, mas nada disso parecia possível. “Vou lhe contar outra história”, disse o anão. “É de um homem chamado Jesus. Ele tinha um amigo de nome Josué, e um dia lhe disse, você, quando eu morrer dirá que não me conhece, Josué riu e Jesus acabou morrendo assaltado por bandidos na estrada. Um dia Josué foi a aldeia próxima e sentado entre homens maus na taberna lhe perguntara, você conhecia o carpinteiro Jesus? Ele respondeu não. Não nunca o vi. E Josué começou a chorar.”

Stevan levantou, cambaleou, olhou a parte, e seus olhos se encheram de lágrimas vermelhas.

## *Vida Artificial*

*Dedico ao meu “pai-irmão” Antônio.*

**N**o começo eu não sabia quem eu era. Quando o apito tocava eu ia direto para o tubo, colocava no meu braço e recebia alguma vitamina pelo soro e o resto nas pílulas. Eu não sabia nem falar, mas ficava prestando atenção nos médicos, que me examinavam e de tempos em tempos viam os meus dentes e sacudiam a cabeça: “Vamos aproveitar quase tudo”. Eu ficava sentado em minha jaula meio triste, tentando entender, afinal, como tinha ido parar ali, de onde eu vim?

Por que existo? Quando chegava o dia 3, depois do dia do médico dos olhos, eles abriam a jaula, me acorrentavam, eu tinha de correr na esteira e eles anotavam tudo, eu tinha de levantar pesos e comer comidas sólidas “para o intestino funcionar”, falavam entre eles... Quando finalmente falei com eles, tomaram um susto tamanho que percebi que não éramos seres iguais. Mas fisicamente eu parecia igual a eles, com olhos, ouvidos e tudo. Aos poucos fui notando o que estava em jogo. “Vamos aproveitar o coração dele” diziam. “Sim, sim, os olhos hoje valem um preço bem alto”.

Algumas vezes eles projetavam no alto do laboratório imagens de células e discutiam o processo de como fui feito. Só entendi neste dia que eu não era nada para eles, e que me matariam. Decidi fugir. Eles não davam a mínima para mim e, em um momento de distração, consegui roubar um pequeno bisturi daqueles com os quais cortavam meu corpo para levar para algum laboratório.

Fui cortando sutilmente as barras. Uma noite, quando tudo estava escuro, sai de minha jaula, rastejei pelo corredor: tudo era limpo, claro, vidro e metal. Achei muitas jaulas iguais a minha, em várias salas semelhantes. E, numa sala maior, um cartaz: “Clones: venda de órgãos”. Agora estava claro: haviam me criado para me desmembrar e eu morreria sem nenhuma história, sem motivo, sem

saber quem eu era. Alguma coisa dentro de mim teve um medo assombroso; matei o segurança com a arma, pulei uma janela, sai correndo.

No meu cérebro, aquelas inúmeras jaulas, com muitos como eu, e eu correndo, correndo na noite. Eles nunca pensaram que nós tivéssemos vida. Devem ter levado um susto quando descobriram. Um carro parou na estrada, eu não usava roupas, era uma senhora. Eu chorava muito, ela me acolheu. Sou seu jardineiro, ela me trata muito bem, mas sempre tenho pesadelos com ela me vendendo para eles de novo, e cobrando alguns dólares por cada órgão meu.

## *A Galinha*

**A** Galinha antes vivia num local apertado, cheio de pequenos ditadores lhe dizendo o que fazer. Mas os métodos de qualidade total mudaram. Ela foi transferida para um novo galinheiro, onde podia fazer o que quisesse. Reduziram sua ração à um terço, agora ela tinha um pequeno circo de papel que rodava dependendo do número de horas que ela comia e botava ovos. Como ficava cansada, não conseguiu mais fazer sexo com o galo, mas assistia o teatro das galinhas trepando. Também tinha de dar sua contribuição para o desenvolvimento da fazenda como um todo, que além de ter de pagar a dívida com a madeireira, na construção da superpiscina do dono, ainda tinha de ter um superavítel primário para sei lá o que. Ela tinha direito de tomar aquele xarope escuro, que aparecia no teatrinho, e agora já era parte de sua personalidade. Aliás, notou que o único assunto que tinha com as outras galinhas – também mortas de trabalhar – era sobre as coisinhas do palco.

Será que o Galo do Bosta Boa de Galinha (BBG) vai ficar com a Galinha Puta? E sabe que tudo começou a ser privatizado: para beber água, tinha que dar um extra, para fazer uns “cocoricó”, dançava na mesada. Aos poucos ela percebeu que não tinha a mínima noção do que ela era, além do fato de ter de estar sempre se divertindo, e morrendo de trabalhar. E, na verdade, quem criava o enredo do teatrinho era o dono da fazenda, que nem galinha era. O dono da fazenda, seja lá de onde tenha tirado essa idéia, cortou todos os programas de ajuda às galinhas, para pagar a dívida. Também destruiu qualquer controle sobre o limite de horas de trabalho por grão, de modo que tudo pode custar uma fortuna. Agora parece que tudo era comprado num sistema “liberalizado”, de modo que tudo era mais caro, e as galinhas tinham de pagar por isso. As leis protetoras do trabalho das galinhas foram eliminadas. As galinhas rebeldes, segundo o teatrinho, se tornaram “terroristas”. A educação das galinhas acabou. As galinhas que ainda tinham força pagavam por al-

guma saúde, as outras iam caindo. Formou-se uma “policia de repressão a galinha não-alinhada”, que contava com câmeras de vídeo. Agora a fazenda fazia parte de uma Fazenda Global, e era governada por empresas das Grandes Fazendas. Havia agora até jornais globais, com sua esquerda de defesa do aborto. Pior, ela se lembrava de várias Galinhas mais rebeldes, que agora eram tema de shows no palquinho e usavam a causa da “Liberdade” para angariar fama galinácea. E assim a Via da galinha foi passando: cada vez tinha mais liberdade, e cada vez sentia mais que perdera alguma coisa.

## *Sangue*

**O** manganês corria pela terra. “Olá dona plantinha.” “Oi, tudo bem.” “Soube que Seu Rogério anda bebendo”. “É, anda mal.” “Mais um depressivo?” “É”. Uma chuvinha começava a cair serena sobre o verde do fumo. Havia época em que as cigarras voavam como fadas vendo nuvens de chuva. Na terra, acordavam as minhocas, as formigas se agitavam, o sol ia adormecendo, e seus bocejos ficavam desenhados como cavalinhos e cercas imaginários. “Quanto nós já vimos assim”, disse o manganês. “Havia um tempo em que a água era pura, havia um tempo em que eu não estava no sangue, até a terra não era assim. Você acha que ele escapa?” A planta baixou o pescoço, com uma gota mais pesada. Olhou a terra, olhou o sol, Rogério com a cachaça. A casa ia ruindo, a mulher entristecendo, a luz da tarde parecia cantar uma cantiga de sono. Havia ainda um horizonte claro, quando a planta chorou.

## *Negros*

*Para os lanceiros de Porongos*

O Império não queria libertar os negros. Na coxilha, o violeta começava a ser salpicado com súbitos diamantes, o ar era de manhã, como se na agonia do sol algo nascesse. Os cavalos confortavelmente moviam as crinas e arrepiavam-se com o frio amistoso. Os lanceiros haviam sido desarmados. Alguns diziam que as lideranças haviam tratado de paz. Acenderam o fogo. Serviram o mate. Alguns suspeitavam de traição. Algumas pedras tristes, observando o frio, percebiam no céu manchas róseas e finos fios de sangue, acompanhando a explosão derradeira daquele sol condenado. Lascas de fogo subiam, o silêncio e a rima solta dos grilos, acompanhada de luzes verdes. As chinas ainda conseguiam prender entre os trapos alguma luz bem leve, e moviam os braços como cisnes preparando carne e água. Aos poucos foi subindo aquela face branca, como um cuspe que alguém divino tivesse dado no mistério sem nome. Negro, negro. A qualquer momento parecia subir trotar de cavalos no céu, mas eram as estrelas, algumas balançando e caindo na grama. A guerra toda começara em nome da igualdade, quando homens iguais estão diante de leis feitas para si e por si, para além de Deus e do Diabo. Naquela noite, não se dormiu.

## *Ovelhas*

*Para Clarice Lispector*

O primeiro mendigo me entristece. O segundo me indigna. O terceiro mendigo que pulo, como ovelhas de um pesadelo, me faz pensar no FMI. O quarto me deixa nervoso. O quinto mendigo que pulo, já nem sei o que quero. O sexto que pulo me deixa sem ar. O sétimo mendigo me dá alergia. O oitavo mendigo que pulo me lembra que estou atrasado. O nono, já estou pensando na ginástica. O décimo mendigo que pulo, já vou chegar atrasado mesmo. O décimo segundo homem que pulo, lembra alguém que eu conheço. O décimo terceiro mendigo que pulo, sou eu.

## *Os Manuscritos de Naf-aum*

**C**omo se sabe, a ciência é feita de hipóteses. Recentemente, por exemplo, a descoberta de uma criança em Lagar Velho, Portugal, fez com que a teoria corrente em arqueologia de que os neandertais teriam sido rapidamente substituídos, sem miscigenação, pelos humanos modernos caísse por terra. Portanto, podemos apenas criar analogias e estabelecer cadeias de relações a partir do que já conhecemos; é o que nos cabe também no caso das recentes descobertas de manuscritos gnósticos que nos revelaram evangelhos apócrifos, mostrando a variedade de cultos cristãos antes do predomínio do grupo de Roma. Os manuscritos descobertos em Naf-aum lembram alguns trechos do Evangelho de Maria Madalena e de Tomé, pois tratam da vida em uma sociedade onde “dez têm metade da riqueza de cem”.

Por exemplo, a partir de um fragmento, E8, em que se usa a palavra *silva*, conseguiu-se relacionar a teoria a uma interpretação dos ensinamentos de Calcídio, escritor do fim do século III ou início do século IV. Esta teoria enfatizava que o mundo de *silva* era feito de Idéias que são pensadas continuamente por Deus, e matéria, expressas na fórmula “o mundo é feito de Deus e matéria”. Analisemos o fragmento: “O mundo se dividirá entre Imagem, Intelecto e Miseráveis. A Imagem representa um mundo cópias (*simulacra*) alheio à realidade de matéria (*silva*), e a identidade nasce da Imagem. O Intelecto detêm os títulos de todas as coisas, os moldes pelos quais se criam os produtos, e os Miseráveis compram apenas esses seres”. A semelhança com a teoria de Calcídio é grande, ainda mais por esse autor ter falado em três princípios, Deus, a Matéria e a Inteligência ou Alma do Mundo, que penetraria intimamente o corpo do universo organizando-o o vivificando-o. O fragmento A16 diz: “Os reis decidirão a portas fechadas, não haverá participação, os Miseráveis pagarão cada vez mais” – pode significar que a matéria, em si

mesma sem nenhuma forma ou poder, estará decaída e em trevas, sem participação na Idéia, ou Intelecto.

Temos aí um problema teológico que parece difícil, pois o conceito de Alma do Mundo parece se estender de certo modo até Santo Agostinho, que, discutindo o tema “No princípio Deus criou o céu e a terra”, afirma (L.XII, C.IX): “O céu do céu, que fizeste no começo, é de certo modo uma *criatura racional*, que, mesmo sem ser coeterna contigo participa assim mesmo da tua eternidade”. Já que o mundo teria sido feito do céu do céu, assim como da terra informe, fica difícil perceber como Deus estaria totalmente fora da realidade.

No fragmento G8 Afirma-se que “Não viverás sem grades, sem trancas, sem cães e sem máquinas de observar. Vocês não têm onde se esconder, ricos, aqueles que parecem ricos e os que se supõe serem ricos”. Rico pode significar aquele que busca a luz. Pode-se remeter este trecho a filosofia maniqueísta, onde o princípio hostil criou o mundo material, onde uma parte de Deus, a alma, estaria misturada, e deveria ser liberta pelo Verbo. Agostinho diz que imaginava a criação como “uma massa imensa”, e Deus como um “mar incomensurável” que “a rodeava e penetrava por todas as partes” (L.VII, C.V). Ele, entretanto, chega pelos platônicos à busca de uma “verdade incorpórea” e desenvolve a teoria da ligação entre existir e bem. Por existirem, as coisas são verdadeiras, e o que é verdadeiro é contido em Deus. Entretanto, foram “feitas por ti do nada, não de tua substância, nem de nenhuma substância estranha ou anterior a ti”.

Agostinho pode estar polemizando com esta tradição, pois diz que antigamente imaginava Deus como limitado pelo mal e imaginava o espírito como substância corpórea. Diz um dos fragmentos de Naf-aum, o F6: “Acaso não está a Miséria em todas as partes, sem que haja coisa alguma que a represente totalmente? Mesmo que vejam na Imagem a violência, ela não terá nome, pois o Intelecto a deformou; o Intelecto é a substância sutil que tudo permeia, vocês terão poucos lugares para andar, e naqueles que andarem, buscarão a luz”. Entretanto, no início da obra Agostinho diz: “Acaso não estás em todas as partes, sem que haja coisa alguma que te contenha totalmente?”. Concluimos que, mesmo tendo inúmeras referências que apontam no sentido de uma influência das doutrinas

de Calcídio, do século IV, e de uma polêmica na obra de Agostinho, do século V, a obra permanece um mistério a nossa imaginação.

## *Tom Zé foi preso*

**T**om Zé entrou na cadeia. E tinha dois quadros negros. Eram os presos comuns. Dois tinham morrido de facada na noite passada. Ele tinha de dedurar alguns. Cabeludos, músicos, maconheiros, comunistas, gays, artistas, pensadores, distraídos, operários, poetas, indóceis, criativos, felizes. Todos, todos de fora – mesmo depois de Lênin, da Inquisição e da Bomba – todos de fora da nova ordem para o mundo, de fofoca da vida e música divertida que não percebe as injustiças do mundo, da ordem de Deus, aquele Deus que trata o homem como meio para atingir futuros devotos, consumidores e acusadores, Deus higiênico que quer o mundo todo de mármore de Washington, branco e liso, casado e na fábrica, da ordem do Progresso, ordem do Desenvolvimento, ordem do Capital, aqueles, portanto, que eram cabeludos, músicos, maconheiros, comunistas, gays, filhos do desperdício, da sugestão, da fala, da participação, da desordem, da ação, do caos e da destruição. Tom Zé entrou na cadeia. E tinha dois quadros negros. E foi ficando com medo, e nojo, e medo, e náusea.

Mas foi-lhe doendo o rim; e o rim se abriu e saiu muito sangue, e formigas vieram sobre ele, e as costelas foram rompendo a pele como nuvens cortando a lua, e Tom Zé foi virando uma gosma negra e esponjosa, e se transformou em um diretor de cinema, que estava no Livro Vermelho dado pela direita para os estúdios, que continha todos os liberais de Hollywood, e ele havia liderado greves nos anos 30 e era gay.

O Departamento de Estado tinha demitido 425 gays porque “homens de baixa moralidade são uma ameaça para o governo” e devem ser comunistas, são antifamília, detestáveis aos olhos de Deus, e contra o capitalismo; e engenheiro Rosemberg e sua mulher haviam sido condenados por espionagem e mortos; Kazan entregara amigos na prisão e continuara sua carreira, DaSilva ficara calado e nunca mais teve empregos na indústria. O diretor olhava para os

dois quadros, os amigos de cela com facas nas mãos; de repente, pediu um cigarro, raspou a cabeça, pegou a gilete e começou a picotar o braço; aquele amontoado de lembrancinhas no chão foi renascendo como mulher. Ela deu um sorriso e pediu um cigarro.

Na Praça da Alfândega, as damas caminhavam, bota torniquete, suspensório, a la Rita Pavone; não se podia usar cabelo comprido, que polícia não gostava; ele sempre gostou de usar roupa de mulher, e assim saiu de casa, e se chamou Cláudia Goulard; isso foi antes da Rogéria chegar com *Lês Girls*, e de ter silicone e tudo; e a polícia batia e o povo todo se pendurava nas árvores, na Caixa d'Água; e se ia pra ilha das Pedras Brancas, com os presos políticos, na Assunção, e chuva e chuva, e enquanto chovia os polícias não davam comida, mas ia um padre de lancha, e muitas morriam na rua, apanhavam muito, de facão. E Cláudia Goulard cortou com gilete os braços na ilha, e o segurança Cantuário lhe trouxe de lancha, e com seu Shelton Longo deixou a brasa grande e queimou sua orelha; ela queria vingança, passou a mão num bisturi no Pronto Socorro, correndo, correndo, “ele é muito mal vai me matar!”

E com aquele imenso bisturi abriu o peito, e saltou o coração. O resto todo mofou, mas o coração ia pulsando e dele saiu uma cabeça, e um pé, até gritar feito um bebê: e o grito foi aumentando, e virou grito de jornalista, de 23 anos, e ele agora gemia como um feto.

A coisa foi tão forte, tanto choque de cabeça pra baixo, de pé molhado, que o próprio policial disse: – Meu filho, tudo passa. As lágrimas caíram no chão. E Tom Zé nasceu delas.

## *Idade das Bactérias*

**H**á mais ou menos 850 milhões de anos, os registros fósseis apontam para a existência de um animal bípede, com polegar opositor, com cérebro de um quilo e meio, que se esparramou por todos os cantos da terra. Chamamos de “Espécie C”, devido aos sinais que usava, achados em todos os continentes, marcados com o signo “Coke”. Esta espécie deve ter desaparecido rapidamente, pois há 650 milhões de anos atrás o planeta estava deserto, novamente dominado pelas bactérias, a única forma de vida sobrevivente. As bactérias se adaptam perfeitamente a todos os locais e evoluem rapidamente. Estima-se que tenha derretido 89% do gelo dos pólos, sido derrubado 95% das florestas, o clima enlouqueceu: tempestades, secas, furações. Houve o processo de “involução”, desaparecendo, de modo geral, primeiro animais mais complexos e, portanto, mais intoxicados, como macacos, elefantes, cavalos; em algum tempo a vida regrediria ao mar, com invertebrados e algas. Mesmo após a extinção completa da espécie “C”, as conseqüências foram catastróficas para todos os outros tipos de vida. Há 800 milhões de anos atrás: as primeiras espécies a iniciar a extinção foram as marinhas, em especial camarões e siris, quando foi construído sobre os mangues as habitações “C.” Há 780 milhões de anos atrás: começa o processo de desaparecimento das esponjas do mar, estrelas, corais, por envenenamento. Há 750 milhões de anos atrás: encontramos uma baleia com alto índice de contaminação por agentes químicos, que alteraram seu desenvolvimento hormonal, deformando seu feto, que estava sendo gestado com duas cabeças. Pensa-se que esses agentes eram usados na alimentação da espécie “C”. Há 745 milhões de anos atrás: as espécies de felinos foram extintas em seguida. A contaminação por mercúrio nos rios entrou nos animais silvestres que eles caçavam, causando destruição de espermatozoides, falhas imunológicas e superpopulação de machos. Os jacarés foram extintos porque os machos começaram a produzir hormônios femininos,

testículos deformados e perfil de fêmea, e estas, deformação nos óvulos. Há 780 milhões de anos atrás: os peixes e os moluscos foram sumindo, atacados por abscessos e tumores, e as aves passaram a apresentar distúrbios no sistema nervoso, causados por intoxicação de petróleo. Muitos fósseis foram achados cobertos do produto negro, que asfixiou os animais. Teria sido necessário gastar muito dinheiro para criar um sistema seguro, os derramamentos eram previstos. Os últimos anfíbios do registro fóssil apresentam três cabeças e seis patas, números variáveis de olhos e aparelhos reprodutores de ambos os sexos, incluindo órgãos internos. Há 700 milhões de anos atrás: a paisagem é comparável ao início da Terra, pouca vida, um clima quente, com desertos e inundações catastróficas, sobrevivem algumas espécies de microorganismos multicelulares do mar, bactérias e seres unicelulares.

## *Crepúsculo no campo*

**T**odos corriam, ondas erguiam torres. Gritos. Raios corriam dedos de osso no céu.

Quando uma bruxa viajou sem que o mar lhe respondesse? Ela não morreria.

Estava apenas com duzentos anos. Certo que tinha a aparência de vinte e sete e meio, mas, afinal, que valiam tantas poções, feitiços e danações? E o pânico continuava. Que medo da morte! Não era chuva, no termo comum da palavra. Era como se todo o céu se tivesse tornado uma cascata contínua, embalada por ventos do Inferno, Lúcifer tremia a terra. Que havia demais nisso? Pior era aquele inferno na Europa: pessoas sendo queimadas por banalidades, por lerem mentes, e incendiadas com suas casas, porque não aceitam a Bíblia e fazem cerimônias druídicas. E os ventos por ela guiavam o navio até muito longe de tudo. Muito longe. Todos morreriam. Ela nadaria quem sabe uns cinqüenta quilômetros e logo estaria nalgum lugar tranqüilo. E aqueles gritos que não cessavam!

Mais um dia começava. Os pés brancos caminhavam pelo pasto verde, bacia de barro. Um ruído longínquo como o cantar de ninfas entre os bosques ia aparecendo.

O sol mal acordava, envolto em lençóis de bordado esplêndido, emoldurado de longos pinheiros negros que subiam até o Éter. Barro na pedra, mão no tecido. Aquela velha cantiga desbotada como lã, cantiga monótona, arrítmica, para a qual os pássaros faziam coro dissonante e farfalhado. Era um ruído? Todas as vezes que estava ali, sozinha, muda, ouvindo sua alma, podia sentir calafrios e medo. Medo que aparecesse uma figura, um ente, algo que não fosse mato, cavalos, borboletinhas azuis, cigarras e água, uma água incessante que deitasse perenemente mostrando um fundo de pedras luminosas

ao calor desse sol que se abria. Nada respondia, só os pássaros de sempre. Calaram em breve.

Temia muito que Jesus lhe aparecesse, um homem de barbas, roupas claras, pegasse sua mão e lhe dissesse: Eu te amo, tu que por mim amas, por mim suspiras, dormes comigo e urinas comigo, tu cuja existência é pureza e perdão, tu cuja alma é como o sol resplandecente dessa manhã. Então que falar?

– Obrigada, são seus olhos? Provavelmente já teria morrido ali mesmo. Negros cabelos correndo na água transparente. Dedo de prata na fina corrente. E o céu tão fresco ainda a orvalhar-lhe a defunta face. Não! E no entanto sabia que ele estava olhando-a. Sentia. Sentia! E calava, assoviando a mesma melodia.

Olhou a água. Brilhava infinitamente. Súbito, Levou a mão ao lábio fino.

Uma moeda? Levantou-se encolhendo o vestido. O brilho a seduzia. Ajoelhou-se novamente, estendeu as finas folhas de seus dedos, enervadas de trabalho. A água beijou-a, tocou o metal antigo.

– Eu a pus aí.

A voz vinha de suas costas. Sua alma gritou, sua boca fechou-se entre os lábios e virou-se fria, ainda que saltando do peito. Viu uma mulher bela, morena.

Os cabelos escorriam até a cintura. Os olhos eram diamantes de coloração esverdeada, sinistro e charmoso, incrivelmente sedutor – ainda que esta palavra seja uma concessão nossa –, posto que para ela não existia essa coisa de desejo, pau, boceta, calor prazeroso, amor etc. Era uma santa. Um demônio. Os dois

Ficou ainda mais confusa quando a outra sorriu e mostrou os dentes perfeitamente brancos, leite, ovelha pura, limpa, alma na noite, lua cheia redonda como São Tomás. A mulher fez um gesto rápido, tirou do seu bolso outra moeda e ofereceu a ele.

– Se pudesse comprar sua amizade, lhe daria todas.

Estava ainda confusa, tensa, c'as mãos mergulhadas no barro e na pedra da água.

Mas este sorriso... Esta face tão magnética, essa beldade fulgurante. Não poderia o demônio ser tão perfeito. Só Deus cria a perfeição.

Levantou-se, fingindo altivez. – Quero pouso – disse a outros sem falar. Ela compreendeu. Seu avô, caixeiro-viajante, meses a fio pelas vilas com seus trajes poucos e sua mala cheia de quinquilharias, peças de linho, coisas da Bahia, andando pelas cidades, vales e planícies, pedindo pouso, conversando fiado, sorrindo desdentado, engomando o cabelo rebelde, sozinho até chegar àquelas paragens, morros calmos, sem fim, verde imenso, pedras a ladrilhá-los, aquela porcelana fina tão meiga que lhe servia o café assustada. A casa de madeira fundada em tempos imemoráveis, sabe lá por que australopiteco, os gansos que conversavam sem parar na lagoa, a cheirosa erva que subia em círculos do seu colo.

Era essa a casa! Ali queria ficar. E a moça, a menina, a pequena pecinha de seda fina, um bronze nobre, talhado à fina mão, ela, a beleza tão pura, a alma tão delicada que podia imaginar, ela seria a mãe dos seus oitenta e dois filhos, suas quinze éguas, seus oitocentos porcos gordos e tudo mais. Mãe de todos. Mãe Suprema. Os velhos, que logo morreriam, exigiriam seis documentos, seus braços, sua carga genética posta sobre a mesa. Que importava? Traria da Bahia, do Himalaia, do Círculo Polar Ártico seus pais, avós, desenterraria seus bisavós, os pais de seus bisavós, nadaria até a África atrás daquele seu ancestral que dera origem ao marido de sua bisavó, traria todos seus longos ossos para os velhos e, quando eles também morressem, faria com que todos repousassem em harmonia nos altos muros de uma igreja, ele e a mulher paririam, deixando a ninhada, correr pelos campos, soltos, livres como o vento, ele cuidaria dos bois, muito mais do que de si próprio, ela da casa, dos filhos, do que restasse de seus pais. E o chá esfriou.

Que faria o senhor com ela por trazer uma bruxa para a sua terra? Sim, sua amiga era uma bruxa. Isso percebera logo, quando a outra passou a falar de seus descendentes que haviam morrido, do tesouro enterrado, da lenda do lago de ouro, de suas noites de solidão acompanhada sem terapia de casais. Do seu crucifixo acima da cama. De seus seios levantados quando, sem querer, roçava em alguma porta enquanto tentava limpar o alto dela. Da tristeza que fora a morte de sua mãe quando ainda era tão menina. De seu vestido bordado de combinas no seu casamento. A música imensa, fervilhante, os convidados embriagados, aquele homem insuportável que, por baixo da mesa, esticava seu pé para o meio das colunas dó-

ricas da noiva e roçara seu sexo, plumas de flor, dando-lhe ao mesmo tempo uma sensação de dor, felicidade, cócegas e pânico.

Como chorara tanto por isso a ponto de o marido desconfiar e não tocá-la por nove dias após o casamento. Quando finalmente pôde descansar, esquecer o ocorrido cavoucando com concentração a terra, a terra de seus avós, de seus ancestrais, terra negra e forte, de úmido cheiro, onde, sem que pedisse, jazia de um empurrão, presa por braços hercúleos, boca selvagem, corpo furioso, e pesado, em movimento, ardendo na terra, seu pânico tão grande que preferia a morte, a morte e não o céu tão azul, risonho, zombando dela, o sangue, um movimento terrivelmente acertado de segurar sua cabeça, dedos dourados na noite lisa, a boca a sugar alguma coisa, rija, nojenta, podre, grande, que lhe invadia a boca dando náuseas, mais que isso, o estômago a romper-se de repúdio, violenta revolução em suas vísceras, e sua boca indo para frente e para trás em gestos involuntários, embalados por uma peluda armação de dedos. Enfim, um líquido de cheiro forte, cor de opala, grudento e leitoso, escorrendo-lhe pelos cantos, ela caindo com a face agora suja de negro húmus, e o vômito, que lhe saiu com todas as vísceras, o nariz roçando a terra sem que pudesse respirar.

Quando o general decidiu sair de casa em busca do tesouro, todos criam que ia para a guerra. Aquela guerra interminável. Guerra de cujos resultados todos dependiam. Mares de sangue, enfim, normal. Sua esposa era a mulher mais forte que se havia criado sobre aquela terra. Bisavó de Ana, mulher serena, sabia dar uma ordem com uma sobranceira. A casa era toda sua. Os escravos jaziam vivos na sua imundície eterna da senzala, e a casa se erguia altiva no alto de uma pequena colina, de onde se avistava o lago e a igreja onde os ossos de sua tataravó Lísia, a ingênua e forte primogênita, dizem, cantava toda a noite de lua cheia as suas canções em francês, um francês cretino que um padre lhe contou, entretido em vislumbrar seus pequenos seios infinitamente desejáveis, até para o santo enviado. A mesma que parecia inumana vislumbrando o infinito do quadro, seus cabelos castanhos a correr sobre a barriga, as mãos finas como uma musa, os lábios desenhados como a concubina das camélias, transfigurada por uma imortalidade morta.

Sentada na ampla varanda, lia seus contos amarelecidos, raridades chegadas aonde nenhuma modernidade chegava, e as criadas

para lá e para cá, temendo ter de importuná-la com algo. A casa reluzia, os móveis eram de uma madeira cor de cáqui, o estofado com flores trazido da Inglaterra, tinham sopeiras de prata e um grande aparelho de jantar, muito gasto, comprado de segunda mão, e mesmo assim símbolo de luxo entre o povo. Olhava de quando em quando os cavalos junto ao lago, suas longas ancas, tinha vontade de subir neles e de correr por estes campos de Nosso Senhor como um raio horizontal, rugir feito Santa Joana, dormir numa fonte c'a água pelo pescoço. Que prazer tinha em fazer tudo isso... Mas, enfim, voltava à leitura, porque odiava deixar um parágrafo em curso.

O marido não pôde passar do Mato Grosso. Pegou uma febre amarela e ardeu até quase morrer. Como arderia tudo o mais tão cedo. Não convém apressar o tempo, deixem o homem sofrer na sua cama, cuidado de gente estranha sem lhe entrever o futuro. Negro.

Quem poderia dizer que ela própria jamais repousaria naquela parede? Que seu rosto, comido de vermes, jantado em grande algazarra, sua alma sentada no éter eterno, jamais veriam a tinta criar sujeiras com o passar dos séculos sobre sua beleza congelada. E assim passavam os dias, afazeres domésticos, surras de escravos malcriados, cavalgadas, vigia dos mais-que-fieis-mas-que-nunca-um-homem-é-fiel-até-a-morte-capatazes. A criada Luzia, negra lustrosa e cheia de encantos, lábios fita de escarlata, dois peitos como dois filhinhos gêmeos de uma gazela, que pastam, entre os lírios, carícias mais suaves que o vinho, o mel e o leite debaixo da língua, vestidos com o odor de incenso suave. Jardim de delícias. Trigo maduro, mas formoso. A criada Luzia, trazendo seus filhos brancos nos braços, andando com eles para cá e para lá fazendo a vontade dos menores, satisfazendo os apetites ferozes dos maiores, a criada, fazendo a vontade dos maiores, satisfazendo a gula infinita dos menores. A criada Luzia, como Varka, nunca dorme, dormem nela, nunca dela alguém necessita sem ser noite ou dia. A criada Luzia.

Mas por que a lâmina fria e a mão negra lhe acariciavam o pescoço? Porque os capatazes dormiam dependurados, balançando ao brilho da lua, de suas altas árvores onde os ninhos se enrolavam com pentelinhos novos. Porque de repente ela tão forte, tão invencível, era tragada por esse bafo de gato, essa boca fedendo, essa força inimaginável lhe cercando como muralhas o tesouro, diziam,

o tesouro. A agitação era tamanha! Corriam os escravos em festa munidos de armas rudimentares roubando grandes espingardas do paiol. Pondo as louças abaixo e riscando e riscando com as enxadas as flores da Inglaterra.

Não haviam riscado assim suas peles, tão pretas e tão belas, bordando-lhes de caminhos de rubra revolta. O tesouro, diziam, ela quase desmaiava, o negro a prendia sob seu corpo de pedra, pedra rija e suada, negra e nojenta pedra incorruptível, odiosa e sensual, musculosa e terrível. A casa explodiu em um grande cogumelo como explodiriam as cidades muito depois para que os EUA nelas implantassem *seu* capitalismo. Era uma flor dourada na escuridão da fazenda. O ouro foi devidamente enterrado. Na floresta Luzia chorava baixinho enroscada em mil cipós e aranhas que lhe subiam pelas costas dela e dos menores, chorosos e lodosos, esperando não se sabe o quê. E o menino grande, de grandes mãos brancas, que não era agora mais que um infeliz raminho tremendo no frescor da aurora.

Ela observava o grande bojo branco donde partiam suavíssimas asas onduladas de brilhante simetria, caindo em cantiga singela donde brotava uma coroa de véus cândidos. Era a orquídea desenhada pelo Artífice no alto daquela araucária de dois mil e tantos anos. O vento agitou todo o colorido da relva ligeira. Era como se ali, ali mesmo, Deus Nosso senhor dormisse roncando num ronco perfumado, que de vez em vez fazia um concerto harmonioso entre as plantas e mexia nos ramos do altíssimo eucalipto, dizem, plantado por sua tataravó, Júlia, cuja filha morreu nas mãos dos escravos.

O vento beijou seu pescoço. Quem fez isso? Virou-se. Andou distraída pelas macelas que douravam, todo o caminho até a sanga, andava como quando menina, perdida em cantigas, bacia na mão, era perto da Páscoa e toda a natureza se vestia de roupas de domingo para celebrar o sangue derramado, não por coincidência, numa taça brilhante, ainda que talvez metáfora da pureza e nobreza de quem bebeu o sangue do rei. Hei-lo, estendido pelos céus, o mesmo céu sangüíneo que José avistou no dia da concepção, céu enigmático e magistral, céu poético e teatral, céu infinito, vasto céu. Neste dia a água mesma parecia de um mais puro diamante, fluindo serena em seu delicioso cantar, convidativo, fresco, inconcebivelmente

sagrado, o vento a correr menino, as finas folhas a dançarem Tchaikovsky com a sinfonia aquática. Uma paz imensa, tocava.

Tirou as roupas uma por uma, não eram tantos véus, ficou o corpo liso e teso, como Ariadne, decidida e delicada, movendo-se para as águas. A água entrou por entre suas pernas, fria, arrepiante, deliciosa. Suas mãos deslizaram por sobre o corpo sem que nada as ordenasse, caíram sobre a penugem cristalina, esculpida por pequenas anêmonas castanhas. Seu corpo inteiro estremeceu, de um suave gozo, um conforto imenso, harmonia perfeita. Depois se deteve e sua respiração não mais podia. Mas já era tarde, sua mão movia-se sozinha, derramava vinho pelo corpo, ardia e expandia-se como mil cigarras, como a orquídea que se abria toda num riso desenfreado, enfrentando o mundo de beleza esplêndida, desajustada, majestosa. Ela e todo o Universo pareceram gritar a toda a existência

– VIDA! E jazia morta com os cabelos levados pela água.

Quem fizera brotar uma tal flor?

Chorava sufocada com o crucifixo a furar-lhe a testa, mãos juntas e pernas dobradas, prostrada de humilhação e vergonha na cama de sua mãe, avó, bisavó, tataravó, que morrera com os escravos. Toda ela estava morta, podre, enrugada, suja, nefanda, miserável. Jesus não podia perdoá-la, sim a Madalena, puta admirável, nunca a ela, nunca aquelas suas mãos terríveis, seus sorrisos malévolos, seu grito que invadiu o céu como fizeram as risadas dos deuses no dia em que pegaram Ares e Afrodite na cama de Hefesto. Seus olhos não choravam, ela toda chorava, ela toda agonia, ela toda impiedosamente crucificada de joelhos e roupa branca sobre a colcha com cheiro de lavanda azul dos Domingos de ressurreição.

A porta abriu-se devagar rangendo como um animal sangrando.

Ele meteu-se nas cobertas e fez-se de feto. A figura andou por sobre nuvens, deslizando, altíssima, rainha, com o próprio sol no olhar.

– Quem criou o teu corpo?

– Deus, disse entre gemidos.

– Quem te deu essa vergonha?

– Deus! Gritou quase inaudível.

– Meio contraditório este teu deus.

Pousou sobre seu dorso um lírio amarelo, tão obscenamente alegre, risonho, aberto, e criativo.

– Queria que tu descobrisses o ouro dos teus ancestrais. Posso te ajudar. Quem sabe o Grande lago.

Voltou seu rosto desfeito de dor e medo.

– O tesouro de tua família. O teu tesouro.

Não disse mas a outra podia sentir em sua mente:

– Que farei eu com taças e castiçais com ondas de ouro? Quem as quer? Para que eu as desejaria o ouro da tua família... respondeu sem falar.

A noite ainda tinha no ventre a Lua. Os pés e a terra eram da mesma cor. Caía-se em cada pedra. O vento não cessava e assoviava macabro anunciando uma desgraça. Subiam por entre os montes, sem luz alguma, com os pés cortando as pedras e as mãos gelando no vento.

– Quanto falta?

– Pouco.

Andaram ainda por uma hora. A lua saiu e tudo clareou de repente. Podia ver agora até as cores dos musgos na pedra. Seu corpo doía inteiro.

Chegaram a uma grande pedra, no alto de um monte mais alto, Aqui, disse a outra. Abaixaram-se até a base da pedra. Ana pôde ver então os sinais apagadíssimos mas visíveis, desenhados com dificuldade na tela perene.

– Eis o mapa. Como nas antigas histórias do lugar de onde eu vim.

Depois do desentendimento de Bento Gonçalves com o Comandante das Armas, que o acusou de tentar independência da província, província essa subjugada pelo cetro centralizador, por débeis governadores, para usar de nossa fala corrente, por muitas moedas idas e poucas voltadas, e pelo liberalismo a la Confederação do Equador, a Assembléia voltou-se contra o Império e a guerra começou. A província estava agora nas mãos dos chefes gaúchos e a guerra civil entre caramurus e liberais ia aumentando o número de viúvas e anéis dourado entre a lama. Aliás, esta guerra desde sempre cobiçada, onde açorianos e aventureiros tomaram seu chimarrão nas campanhas e no Rio Grande, riscada e desriscada por tratados intermináveis, que vira os jesuítas suplicar às cortes suas para que os índios não fossem para a margem portuguesa do Uruguai, e Sepé

Tiaraju gritara de lua em punho, incendiando as aldeias em vão, re-volta a posteriori, que viu os castelhanos chegarem como abelhas na primavera e os portugueses levarem para si as terras dos Sete Povos, e ainda tantas outras homéricas disputas e bravatas e coragens, esta terra esquecida e infernal onde os brancos de fio de sol se adentraram para seus sofrimentos e suas conquistas, esta terra onde agora Júlia via perder-se seu pai, por colinas e horizontes prata velha, sumindo-se por entre pedras, ficando como elas pequeno, ponto preto entre o verde opaco e o céu tristonho.

Haviam lhe invadido a casa, ela dentro, e só não foi morta porque os inimigos não tinham atinado de vasculhar pelos campos, pois se tivessem achariam encolhida na grande pedra do campo, muito além do jardim, aquela figura viçosa, guerreira, intelectual e severa, de doce autoridade que sabia misturar com sua austeridade, fazendo-se respeitar por todos, quem diria que seu filho seria tão burro a ponto de deixar mulher e os filhos com os escravos e ir mundo adentro à procura de velhas histórias de tesouro.

Dizem que o caixeiro, quando entrou por aqui, trouxe consigo na mala, junto com as roupas não tão respeitáveis quanto gostavam os pais da moça, muitas peças de beleza razoável e tecidos finos e até um isqueiro irlandês, que lhe havia vendido um turco em troca de seu favor com uma mulata, haverá ali na mala uma tal de uma folha toda amarelecida, que seu parente muito distante havia traçado das falações de um índio velho, quando havia subido a floresta em busca de ouro. O velho descendia de pré-colombianas criaturas e deu os dados sobre a maravilha porque viu no garimpeiro um caráter incomum naquelas bandas: havia lhe salvado a filha de uma cobra de oito metros, aliás que bem devem ter morrido, diz o velho, onde se viu uma índia não saber se defender.

E assim nascia uma lenda de ouro, lenda como todas impossível, porém que fervia a testa de todos quanto sabiam, mergulhados numa vida medíocre e desagradável ou ansiosos por mais bem-aventurança. De pai para filho havia passado como segredo, do primogênito, e chegava às mãos do caixeiro como relíquia de família, que já não era tão jovem e tão tolo para querer-lhe ir ao encaço, mas quem sabe se o pergaminho esfarelado dentro do livro francês de Geografia, com o mundo desenhado a pena, não era já o maior

tesouro, sentimentalismo talvez, mas até os brutos têm suas horas de duquezinhos de Pelotas.

Ei-la, Júlia, com seu manual geográfico nas mãos, a ponto de esfarelar-se, onde olha as gravuras bem trabalhadas e tenta entender as palavras, todas elas indecifráveis como o coração dos guerreiros. Nos dias que lhe iam passando pelos olhos, acostumava-se a andar sem rumo pelos campos, até que, sem dar-se conta, encontrou-se a pouca distância da casa de pedra com dez cômodos, onde seus netos, entre eles a mãe de Ana brincariam de família, sentada numa árvore já gasta e posta a chão pelo tempo. Então viu no verde uma clareira aberta, cerca de meio metro de diâmetro, e decidiu plantar ali uma árvore. Aquela foi sua distração nos próximos tempos, vê-la crescer, erguer-se impetuosa pelos dias a fio, sonolenta em sua marcha, mesmo assim altiva, forte, potente.

Nada podia fazer quanto aos livros do marido, todos eles naquela maldita língua estrangeira, mas quanto àquela árvore podia, ela é símbolo de seu poder, de seu estar no mundo, de seu ser, para quando morresse ela ficasse para sempre a sorrir e a crescer imbatível e vitoriosa. E assim seria.

Um dia Júlia teve a idéia de guardar na base da árvore seu livrinho de geografia. Era, enfim, tudo que tinha no mundo de seu, porque afinal aquela casa, roupas, jóias e cadeiras vindas da Inglaterra, nada disso lhe interessava, pareciam coisas que usava emprestadas e lhe asseguravam que não era mais que uma cadeira a mais.

Foi assim que, ainda dourado o horizonte, levemente sangrando de unhas da aurora, abaixou-se na árvore e cavou com uma pequena pá a terra negra. Pôs o cofre de frisos prateados cuja tampa refletia uma dança de Pã em ouro, juntando o que era seu com o que era seu e tornando-se assim independente, dona de um segredo. Cobriu a caixa e voltou para casa ainda sob os olhares mal-acordados do sol, agora uma grande luz branca que ia cobrindo de violeta e róseo o céu.

Júlia passava os dias de suas férias lendo na varanda da nova casa, que nem tudo havia sido queimado, bom fazendeiro sempre tem suas economias em outra casa que não seja a sua, vendo seu irmão cavar eternamente os verdes montes à procura do metal, pelo qual nem mesmo o seu velho pai não mais suspirava, depois de longa procura. Deixa-o dormir acima dos negros, e sentava-se na

varanda a meia distância a contemplar os bois que se reproduziam como frutas numa mangueira. Júlia estava muito feliz porque aquele seu posto de professorinha na cidade recém-criada por seu irmão, desde pequeno falador e guerreiro, lhe trazia uma simples e serena auto-admiração. Aquilo tudo ainda era muito primordial, um dia seu irmão reunira gente da província num poço da encruzilhada e dissera, festivo e autoritário, è preciso que fundemos uma vila para que de nós se lembrem. E dos salvos pela escrava Luzia agora só faltava Elias, o mais velho, que tinha-se ido para a Europa com ímpetos de não voltar mais. Uma carta sua, não se sabe como chegada, de data muito anterior, tinha dito: Andei pelos caminhos abertos e cheguei ao mar. Morrerei aqui. Júlia não se lamentava, tinha saudades apenas, e desejava no seu casamento pudesse dar-lhe um beijo: Eis meu doutorzinho! (Que se faria? Júlia foi andar pelo mato e logo que andou alguns metros cansou-se, porque o sapato vermelho de fivela lhe apertava.

Sentou numa árvore caída, tombada pelo tempo, e passou a lembrar-se das notas de Bizet. Olhou despreziosamente para a árvore de sua avó, Tão alta que já via de cima toda a fazenda, e teve uma luz repentina: O segredo que nem em morte, pálida nos lençóis cor de creme havia revelado: onde diabos estava a tal carta com a figura do Lago?

Quando dessa época já era grande a propaganda republicana, A Federação circulava, voz dos militares descontentes da guerra que a Inglaterra havia inspirado contra seu futuro provável rival econômico, o Paraguay, e incendiado os centros urbanos inclusive a débil aldeiazinha de Augusto, seguidor de Castilhos, seguidor de Comte, talvez para arrepender-se quando este fundasse o governo forte, talvez aderindo aí ao parlamentarista Silveira Martins, mas como diz o português, convém que o autor não devaneie e se concentre na sua missão.

Dito isso é preciso lembrar ainda que o ancestral não lutou no Paraguay, não foi por nada e sim por ele ter ido à busca de seu tesouro encontrando a sua malária, e que essa Júlia que agora abre a caixa de bordados de prata e tem a idéia de desenhar na base da grande pedra o mapa, sempre mais seguro quando numa tela imprecável, já que o mar está longe. Essa Júlia teve um filho chamado Lourival, filho adotivo, pois sequer tinha o sangue do prefeito, de

quem ela cuidou com muito gosto desde o princípio, ministrando-lhe suas aulas, formando seu caráter, já que ela própria, em memória da sua mãe, como sinal de luto eterno, decidira não casar, ter filhos ou mesmo namorar, posto que isso já era quase obrigação de aliança ou safadeza. O filho de Júlia não era tão político como o pai e podiam morrer engalfinhando-se na sua frente federalistas e republicanos, que ele continuava com seu sorriso inabalável, cerebral como Molière, tocando seu violão que era praticamente seu órgão mais funcional e tentando lembrar-se de alguma coisa que havia esquecido. Estava sempre perdendo seus óculos, seu relho, seu catecismo, seu cinto de prata, herança do pai, e tudo que pudesse sumir de seus olhos. Inclusive a mulher, trigueira ferosa, que adorava deitar-se no grande eucalipto com o capataz, um homem boníssimo dentro e fora, lá onde pendeu o escravo torturado para revelar o enterrado, em vão, companheiro dos outros que foram perseguidos até a beira do Itaimbezinho, diz a lenda, atirando-se do precipício às gargalhadas, e dos que foram arrastados um a um até que todos os membros se desprendessem, pelo general e seus homens, os homens dos fazendeiros vizinhos que lhe vieram já longe dando-lhe a notícia.

– Precisamos matá-lo, disse com seu vestido longo azul, na lua branca, recostada à cadeira cor de bronze e com as mãos sobre o colo, onde reluzia um anel de ônix. Foi com um suspiro de cansaço que soltou:

– Há a divina providência até na queda de um pássaro, frase que ouvira daquela mesma boca quando, nas noites de volúpia, ela o apertava contra o peito suado e enroscado de mil caracóis peludos e com força comprimia as unhas nas suas costas como um animal, gesto violento e incendiário como o sexo que faziam.

Mirou com melancolia atemporal um velho espelho que refletia o vaso de rosas cor de champanhe a esguia e azul Lady Macbeth dos pampas.

Dias de Lua cheia Macbeth punha seu vestido solto e, na sala invadida do perfume da vitrola, requinte luxuosíssimo conseguido numa feira de coisas usadas que por ali passou em direção ao Porto de Viamão, dançava na varanda como uma bailarina egípcia, nos

seus movimentos vanguardistas a la Isadora Duncan. Para que se cumprisse o verso de Júlia:

Dança e seus braços são como  
Os sátiros em suas posturas etéricas  
Cuja luz consiste em ser treva

O prefeito havia morrido, mas seu filho, o Bardo, crescia como erva-cidrô. Quando tinha seus seios ainda duros e mal aprendia seu primeiro idioma, nascera o Bardo. Agora que o pai

Morre como um pinheiro sobe  
Hirto, solene, invencível aos céus  
Contemplando além do tempo o infinito

vive aquém de suas possibilidades intelectuais, como um neto de Ana faria, vivendo só, numa imensa fazenda repleta de bois, melancólico com a viuvez e a velhice, vendo a casa onde antes corriam os netos, sem gastar um tostão que seja, para tornar o miserável refúgio algo digno, com banheiro e luz elétrica, e ressentido de sua infelicidade com os caseiros que querem salário justo.

Na época da febre

Um fétido vento que vem do mar  
Enche o ar onde caem brancas pessoas pelas pedras frias  
Como uma noite de São Bartolomeu

mas agora o ar é apenas de um límpido perfume de rosas, lírios, amores-perfeitos, jasmims, palmas, hortênsias, dalias, arrumados em círculos concêntricos em suas cores despidoradas de tão alegres, com seu mosaico de luzes.

O vento ali vem só para poder tocá-las, e elas, envergonhadas, encolhem-se, afastam-se, sorriem de soslaio numa dança que lembra a lua em sua caminhada solene. E Júlia, cabelos pretos salpicados de diamante, elegante como Mick Jaeger, já nem tão fresca como quando nasceu a Menina, filha do cavador e da moça da outra estância, alemoa aguada, Júlia de cabelos nevados gozava cuidando de suas belezas delicadas, algumas delas que iam para seus livros

como aquele botão de rosa murcho  
sépala e doces véus esmaecidos  
três retorcidos pergaminhos  
que abraçam o infinito, gota em labirinto

outras nem tão patéticas, como gemas puríssimas luzindo,  
Lírio límpido sob o céu lilás  
Fala-me doutras gentes escuras  
No sol, nos trabalhos, nos amores

E tantas adoráveis criaturas, como aquelas do Hotel Bertam,  
que só podem fazê-la criar outros mil versos de pé quebrado.

Veio correndo a louca, pálida, Ofélia, parando de roupa branca translúcida sob o céu que se ia, azul claríssimo já esverdeando levemente, coberto com a cortina róseo-alaranjada, onde dormiam fitas de chumbo, nas claras rosas, cabelos negros como asas de graúna, a cair pela metade das costas, olhos esbugalhados azuis, porque seu pai era filho do Bardo, que vira um dia nas coxilhas uma moça, tendo perseguido-a a cavalo, deitando-a na grama e a engravidando, sua parenta, guardada na estância do vizinho que tivera a filha branquíssima de finos fios de ouro engravidada por um homem que, além da cavar, nas suas tardes quentes de vagabundo ia nas cascatas de três andares baixos, onde a fresca água caía esparramada como um lençol ou uma lua da lua, e a horizontalidade permitia ficar ali horas sem fim ou deitar-se na piscina que a recolhia, gozo divino, aonde a alemoazinha de pernas duras ia, não se sabe por que, subiu além do comum o planalto quebradiço, achando lá o vizinho, que não precisou jogá-la sobre a corrente contínua e agradável da água, gerando por milhares de alopradas formações genéticas estes olhos azuis turquesa, verdadeiramente indianos, como a Túnica de Atena, esplêndido brilho, legítimo, soltando fluidos e lanças e raios infinitos com seus imensos encantos, e uma perfeita e ao Apolo mais belo, mestre eteno das alegorias, ei-la, esbugalhadas órbitas, ofegante, arqueando, prestes a desfalecer

– Vão matar o tio! – disse e num gesto leve e ligeiro. Caiu entre as rosas.

Louca em seus véus brancos correndo  
N'água clara deita o gracioso busto

Numa paz transcendente, universal, silenciosa, fluida

Júlia parou com o vestido longo preto, as mãos trêmulas, ao lado da comprida mesa. Sentado em sua poltrona, banhado da luz da alta janela atrás de si, estava o Bardo, cabelo a cair na testa, aquele eterno sorriso, as mãos sobre um violão cor-de-cáqui que sofrivelmente dizia:

A barra do teu vestido  
Toca, não toca o chão  
Cada jeitinho que dá  
Toca meu coração

E Júlia ali parada, com sua lisa saia finda por uma barrinha de bordado, casaquinho a fechar-se nas costas com gola de friso, trança a cair pelo ombro, brochezinho chamuscado com a cara da mãe no peito, era mesmo uma daquelas mulheres de beleza distinta, independência imbatível, e essa imagem forte e doce que fez o viajante alemão Carlos Seidler “realçá-las das outras mulheres do país”, pois eram mesmo amadas como amavam os seus esposos e filhos, muitos unidos ainda mais pelo horror da guerra, e respeitadas a ponto de o farroupilha Antônio Vicente Fontoura declarar: “para ver-te, mesquinhos obstáculos são para mim essas baionetas inimigas, mesquinhos certamente porque, sem ti, de que serve a vida?”

Ainda que, como é geral, haja exceções, mas elas são só isso, visto a decência e a moralidade dos fandangos, “a mais franca alegria”.

Foi assim que Júlia disse, com a voz trêmula mas altiva:

– Estão querendo te matar. Foge.

O Bardo ergueu o olhar e temeu fitá-la por algum tempo, era toda razão e dignidade, mas levantou-se pousando o violão ao lado da poltrona.

– Quem te disse isso?

– Amélia viu.

– Amélia é louca.

– Bem eu sei. Como sei que acertou outras vezes. Preciso lembrá-lo?

– Quem?

– Não devo falar. Mas deves ouvir-me.

Um sinistro silêncio se estendeu pela sala, enquanto o Bardo mirava distraidamente o espelho.

– Não vou. Tenho uma vida.

– Poderá deixar de tê-la em breve. Mas faz como te aprouver. Contanto que me diga onde puseste o mapa que te dei há tantos anos sob juramento, porque quando morreres não quero que saibam o rumo do Lago.

– Viu ela que morrerei por isso?

– Toda a gente sabe da lenda e sabe que tu tens a gravura; isso é suspeita minha.

O homem não pareceu acuado, mas vagou com a certeza da morte até um quadro de seu pai que ali iluminava a sala com seu olhar superior. Disse:

– Está contigo.

Sem que a mulher compreendesse, resignou-se a não perguntar. Voltou-se aristocraticamente num vagar eloqüente, parando de costas por um segundo:

– Que flores eu ponho no teu túmulo?

O homem sentiu a alma gelar e correr uma fina lâmina desde o pescoço até o fígado, desdenhando em seguida a ironia séria:

– A que mais combine com meu traje – disse, mórbido.

Ela saiu negra na luz.

Ela estava sentada à beira da sanga olhando o horizonte. Ouvia um assóvio cantarolando uma melodia e estremeceu. O homem que havia a muito transtornado seu pensamento... Quis correr, mas suas pernas falharam... e assim, como um dia tinha feito sua mãe, via-se enredada nos olhos lustrosos de um capataz. Nunca este a tocaria, devido a sua forte austeridade, mas isso não a impedia de acordar suada ofegando com um sonho inoportuno.

– A senhora aceita essa rosa? – estendeu-lhe a flor que tinha nos dedos, botão ainda, que tirara para pôr na Virgem da capela, mas que esta outra mulher virtuosa aceitaria com um sorriso cálido.

Ele a fazia sentir-se de novo mulher, ser humano, parte do universo. Desde que a vergonha pela humilhação que seu marido lhe impusera quando a desvirginara tornara-se inferioridade triste. Sua amiga, que estava em todos os lugares e nenhum, pensou logo:

## UM FILTRO

O pobre homem via passar por detrás da porta do galpão, que tinha uma réstia larga, aquela que era ao mesmo tempo santa e pros-

tituta – porque, como aquelas, era capaz de fazê-lo arder até a *petite mort*, ainda que em sonhos. Talvez dali fosse, suando que estava, para mais um prazer solitário, ou para o calor vão das éguas, porém materializara-se atrás dele uma imagem que o fez saltar até o teto e voltar. Era a bruxa.

– Ela também o quer, tenho certeza. Tenho um plano.

Seus olhos lânguidos chisparam.

Põe o cano branco e frio na pele bronzeada.

– Arria as calças.

Mirando o possível terceiro olho, plágio memorável.

Sente um tremor vendo o crucifixo.

– Tira o Cristo dali.

O outro esbraveja, aquieta, cumpre a ordem.

De calças arriadas, escuta:

– Põe na boca.

O outro tira o órgão de dentro de intermináveis panos. Prefere a morte, mas quando a morte encosta na sua testa, prefere o órgão. Quando o prazer começa a invadir seus ossos e seus nervos começam a latejar de gozo, vê uma grande estátua e sente que o barro de seu corpo, o ferro da sua emoção, o bronze de seu pensamento, a prata de sua bondade e o ouro de seu espírito, todos eram estraçalhados por uma pedra imensa que rolava de uma montanha e os reduzia a pó que os ventos levavam, pedra de dor e alegria, profunda, escura, rítmica, que desabou dos céus como o retumbar de sinos, sinos cósmicos retumbando, retumbando, retumbando e tomando toda a atmosfera com seu explosivo som.

Devidamente trancadas as saídas todas, o pobre homem com náuseas, atado à cama, montaram em cavalos. Ana com um fraque abotoado na frente, com a blusa de baixo rendada, a apertar-lhe o pescoço, e seu saiote última moda, a roupa mais fina que tinha, sumindo os três pelo horizonte verde com armas e jóias e dinheiro.

Júlia sentava melancólica observando-se no espelho.

“Hoje que seja esta ou aquela

Pouco me importa.

Quero apenas parecer bela

Pois, seja qual for estou morta.”

Como diz Cecília, imaginando que coisa havia a mulher posto na comida do filho para que morresse a cavalo, no campo, de súbito ataque no coração, como o médico supunha.

– Está contigo.

Sabia que a mulher de fartos seios já havia revistado todas as coisas do morto, entrara no seu quarto certa vez quando tudo que era seu dormia sobre a cama e a viúva atordoada explicou que procurava uma espora de ouro que havia sido sua, para pô-la no corpo. Sabia dessa espora, ela mesma lhe dera, mas sabia também que estava mentindo a bailarina.

– Está contigo.

Já havia vasculhado seu quarto, seus venerados objetos, miudezas ricas e delicadas, muito bem guardadas na sua imaculada limpeza. Até os vestidos havia visto, em vão.

– Está contigo, mas onde, onde, onde estou?

Foi então que viu sua face no espelho. Aquela face bonita ainda, jovial, com sulcos pequenos nos cantos dos olhos e fios cor-de-opala a cair pela trança.

– Eis minha imagem! – exultou, mexendo no ídolo com cuidado e tirando de dentro do forro de papel, queimando imediatamente no fogão a lenha.

As três imagens negras iam perdendo-se por entre os dourados e sangüíneos fachos do crepúsculo.

Porto Alegre, 1994

*Era uma manhã de inverno  
ou  
Eva Braun a esposa de Hitler*

(Cenário: mansão no alto de uma montanha)

**E**ra uma manhã de inverno. Eu me levantei como de costume e sentei na beira do terraço, vendo a neblina tomar conta das montanhas. A névoa abole as distâncias e constrói pensamentos. A névoa faz sumir as pessoas e constrói pontes de mármore. Estou sozinha. Não é uma solidão física porque este castelo tem tantos guardas como o Buquinhem em dia de festa. Na verdade eu estou sozinha de mim mesma. Há uma espécie de desespero que não grita. É uma coisa gelada, mas pode matar. Lâmina de punhal. Há uma espécie de sorriso que dura só um segundo e que arde no coração. Ouvia “*Por Elise*”. Essa música me faz lembrar de tempos imemoráveis, de raças antepassadas, de mitológicos retiros celestiais e vestais cheias de doçura e fortaleza. Gostaria de ter essa qualidade mística das escritoras para abrir reinos da imaginação, povoar-se. Queria saber contar histórias como aquelas que minha pobre mãe fazia no meu quarto. Ela trocava os nomes dos heróis, por sono. Uma espécie de sono me toma agora e queria uma redoma de gela como Branca de neve. Nada acontece aqui nestes dias, apesar da guerra. Queria apenas ter meus filhos, mas não pude. Ele nunca vem. Quando voltará? Está cercado de homens cinzentos, vestido de tecidos duros e com orgulhosos sorrisos.

Eu espero.

Aqui há um piano. A claridade do tom se estende por toda a paisagem. Só me resta tecer melodias noites inteiras e aguardar. Talvez a morte se apiede de mim e sente na minha varanda. Quisera Ter as

mãos ásperas para saber buscá-la. Tenho de fazê-lo. É minha dívida para com minha vida.

Nada vai acontecer. Se o sol nascer, estarei feliz. Mas ele não virá e não estaremos juntos mais que por um estante. Eu o amo, e é tudo. Que destino cruel ser amada por quem não ama, ou pior, morrer crendo sempre que há esperança. Mas no fundo, quem sabe? Quem sabe, senão que quero estar com ele e segui-lo seja aonde for. Nada sei do que não sabe. Nada sofro do ele não sofre. Me diriam uma tola, sim, mas uma tola por vontade própria. Não sou robusta como as camponesas que suam ao verão e erguem carreiras de filhos voluntariosos. Não sou tão frágil como as francesas pra apenas chorar e sofrer. Meu espírito alemão e genuíno: sou pateticamente melancólica e patologicamente turbulenta. Mas tento ser uma natureza romântica: árvores revoltas no crepúsculo. E sei que quem me olha vê apenas os aros de luz, ou luz nenhuma, apenas uma estátua de deusa, pura, infantil.

Quisera morrer. Os dias são como pesadas chicotes e os minutos me matam aos poucos. Quantos anos já vivi? Cem, duzentos? Sinto minha pele ressecada pelo sol da Índia de quatro mil círculos. Sinto como se meus dentes já estivessem petrificados pelo tempo. E além de tudo, há as festas. Sim, há as festas e as cerimônias e as beldades de *Hollywood*. Ele abraça cada uma delas com sedutores beijos e imaculadas declarações. Estão todos felizes? Tudo está florindo? Não há algo errado que eu não vejo bem, dentro do castelo? A destruição e o fogo começam quando subestimamos as pessoas, todos se subestimam. Tenho que construir as Alemanha, penso. Não podemos ser fracos, penso. No fim de cada jantar eu digo para mim mesma, parabéns, você sobreviveu a este mais, será o último. Mas sempre estamos indo.

Quem dera realmente não tivesse cérebro. Quem inventou essa máquina incessante aqui, para me torturar? Quem dera eu fosse eu mesma menina, e pudesse tomar banho de cascata sem sentir-me. Apenas a pele e as gotas frias, o sol e o lago pra nadar. Queira ser uma sereia. Me lançaria nas águas e nadaria até o infinito. Conheceria a Índia, o Pacífico sul voaria pelos espaços submersos.

Veja a imaterialidade das coisas. Ao mesmo tempo há um peso que vem de dentro das coisas. Visto uma roupa branca. Os comprimidos estão na estante de mogno. Desço os vinte e sete degraus até ela.

Como se cada degrau fosse uma terra desconhecida onde eu pudesse ir tirando as vestes da minha existência. Talvez por um segundo

me afundasse num pântano sufocante de árvores mortas, mas em seguida a noite macia, tecendo seus véus ,suas amplitudes cheias de vácuo e gelada ausência.

Se eu pudesse destruir o mundo riscando com minhas mãos o sol. Se tudo fosse uma aquarela. Como a gora parece, e pudesse somente atirar-lhe água para que tudo se perdesse ainda mais em vãos espaços e dúvidas. Já não suporto existir. Existir tornou-se um fardo demasiado insano para mim. Mas não posso morrer, não por medo da morte, cão sedento, mas por medo da solidão. Então permaneço quieta e calma sobre as névoas de minha mente, desfeita em névoas, penetrada e fundida na não contornuidade da natureza que me devora, me estraçalha, me redescobre. Sim porque a cada instante em que existo, misturada nas sombras claras do dia, interrogo-me. Nunca me respondo. Infinitamente me recrio com setas envenenas que me dão alívio para o nada. O nada é pior que a morte. (Pausa)

E as árvores estão mortas repousando no seio da bruma. (Silêncio. Anda pela casa, avista um porta-retrato.)

Temos aquele jantar na Sociedade Alemã. Lá estarão as mulheres dos generais. Tenho que ver meu vestido e preparar algumas pérolas. (Pausa. Vai até o piano e toca uma peça. Depois fala)

Adoro aquele vestido prateado. Sinto-me tão esguia. Fico como uma estrela e pareço mais bela do que sou, e mais leve. Um peixe longo e brilhante. A luz me banha e eu sou pura pérola. Como naquela foto em que pareço um anjo. Foi assim que ele me amou, quando era um rapaz atrapalhado e bobo. Gosto de estar mergulhada nos vapores da luz, de ser luz eu mesma, com minha face sorridente de menina estelar. Sou uma menina que corre com sua bola vermelha por sobre a face da lua.

Gosto de peixes, esses metálicos poemas, assim como gosto de água. A água e suas coloridas faces, de folhas, de nuvens, de namorados. A água tem tudo dentro de si, mas é incriada, tudo torna retratos de retratos. A água é para um o elemento essencial, onde podemos simplesmente paira, sem o peso de nós mesmos. Queria as vezes a não consciência dos animais. Dizem que roubamos a inteligência dos deuses, para com ela sairmos das bestas aos veleiros, aos tecidos e à poesia, mas isso é mentira, A consciência, essa tocha feroz, nos foi dada como castigo, vingança, corda amarrada arranhando a pele clara. Minha felicidade é ver os contornos dos rios, os patos com suas elegantes saias de renda, o sol brincando espaços entre folhas e maçãs e toalhas xadrez, branco-coloradas. E o movimento

incessante das árvores vivas, melodiosamente se curvando e pintando sombras. Essa alegria de súbitos clarões e pingos de treva luzidia, me comovem. (Pausa) Mas nada tenho podido fazer. A morte de milhões começa com a morte de um. Os homens dominaram o mundo com seu quieto, morno e acinzentado humor. Apenas as vozes de “viva Hitler!”, se ouve como alegria. Estamos mortos, e nos fazemos vivos por um sangue muito artificial que escorre negro e lento das bocas do inferno. A guerra cresce e eu diminuo. (Pausa) Não adianta: algo se perdeu dentro dos longos salões de mim e para acabar com a busca terei que acabar com tudo. Sou a dama no mais alto pedestal da Alemanha e lá nada sinto... Olho as estrelas e elas não fazem sentido. Os amigos estão mudos, há sofás e flores, apenas... Não posso fugir, para onde fugiria de mim mesma, onde encontraria a minha vida que está nele? Sinto todas as pessoas prontas para matar, e cultas, refinadas. Não quero fugir, não quero ficar e suportar a minha mesma teia que me enreda quanto mais me movo. O mundo está congelado, ou sou eu louca? Teria de inventar uma terra estranha e gostaria de perder-me numa floresta escura, só eu e alua para poder esquecer de mim mesma, talvez apagar-me sendo tragada pelo mundo. Gostaria que a água invadissem todo este mundo e nós úmidos, os sofás flutuando, as roupas cheias de lama, e tudo, tudo perdido nos fizesse finalmente ter coragem de desejar a morte. Ou por outra a própria água nos purificaria de nossas dores, nos levaria para o seu reino encantado onde vida e morte são apenas flutuações. Tenho medo do meu amor. Dele a luz que me acende, dele as ondas de fúria, dele a tristeza sutil e os doces momentos de paz. Dele a treva e o dia... Eu me perdi. Este mundo não é meu. Sem ele nada sou e vivo de suas gotas. Mas quem pode condenar-me? Quem pode? Ficaria aqui ainda que todos fossem, ainda que a Alemanha fosse tragada pelos abismos do Inferno... Mas não há ninguém aqui. È apenas um salão rico e vazio, como meu coração. O som das idades mortas me toma. Ecos de terras abandonadas, de cidades em ruínas. Sinto os ventos das imemoráveis civilizações. Estou coberta como por areias de séculos, como uma deusa egípcia, e preservo-me em cores já pálidas, mas indestrutíveis. Sou uma pedra de dez mil anos, que vive sem viver e flutua sem flutuar. Paira apenas, metafísica, impensável, plena. Ouço o silêncio do infinito e os tambores dos minúsculos momentos. Cada passo nos pátios, cada folha caindo, sinto tudo. Estou viva, não perdi a conexão com tudo, e as pessoas desviam olhares, só ouço homens falando alto, velhos com

olhares sofridos, crianças miseráveis. Nem alegre, nem triste. Presente. Nem simplesmente forte o bastante para aceitar uma resolução. Para buscá-la, para lutar pelo direito de desfazer-se, de libertar-se. Ah, se fosse fácil! Se não nos assustasse saber que tudo acaba, que o silêncio, a completa nulidade dos sentidos! Se soubéssemos apenas sumir, poder de repente ligar-se às correntes oceânicas e ouvir os sons das baleias nos mares dentro de nós mesmos. Mas não. Somos homens sem saída. Ou nos deitamos com a face para o breu, a mudez da terra, ou viveremos como fantasmas, como entes imaginários presos nas nossas antigas tragédias, correndo pelos corredores de pedra e chorando quando a chuva continuar a cair. Seria viver para sempre um sonho solitário. Mas agora, ainda que o ar se me torne tão venenoso como uma noite sobre a neve, vivo de seus momentos e deles me alimento. Não existo. Queria ser sua sombra, mas na sua ausência sou sombra solitária, e me desespero com minha própria presença. Todos os caminhos para mim não tem destino. Apenas condenada a eternamente ouvir os passos no pátio - ah, me cortam, como espadas esses homens, tão certos, incessantes e eternos como astros.

Ah, não cessarão jamais essas terríveis rotinas? Ah, estou trancada eternamente e ligada e a estes ruídos de máquinas que nunca falam nem escutam? Como vasos de cera me contemplam e de longe me separam do mundo, cobrindo com seu gentil vidro minhas asas azuis num quadro e pendurando-me na parede. Seus passos lembrando-me a triste e tortuosa estrada de minha existência, a prisão da minha lembrança, de sua distância. Da distância de todos, do mundo em ferro e neve. De tudo o que permanece apesar de morrer o sol. Um velho Deus parece não ser mais possível, e a ambição nos aterroriza. Ah, porque fomos nascidas mulheres? Ah, se pudesse apenas calar-me e não ouvir a mim mesma! (Silêncio. Canta baixo).

A lua doce na relva brilha

O vento macio desperta as árvores

Que dormiam como leões mansos

O céu pisca em doces cantares

Eu suspiro o meu amor

Que partiu pelos mares, partiu pelos mares.

Um dia voltará minha vida? (Silêncio.)

Armadilha. Se eu fosse um pouco mais inteligente arriscaria rebelar-me. Seria talvez divertido e prazerosamente perigoso. Talvez quisesse voar, como um homem, vestindo calças e aquela máscara

ridícula, ou até montar em cavalos e estudar. Queria às vezes ser uma nuvem. Talvez gostasse de literatura, a magia do despossuir-se, sim, dizem que as inglesas quando não cuidam da casa se deliciam sabendo dos rumores de orgulho e preconceito que imprimem naqueles lugares sórdidos. Perder-se por uma terra desconhecida, descalça nos países da lenda. Mas minha alma alemã suspira por algo de rústico e vivo que só há nas entranhas da terra e não posso abandonar-me, abandonar a terra sem sofrer. E toda essa aventura me parece terminantemente cansativa, quando não é fantasia.

Meu desejo supremo e secreto é deitar-me um dia sobre ele e nunca mais sair. É estar dentro de sua mente, mover - me por entre seus fantasmas, supre seus desejos antes que os formule. Não gostaria realmente de voar. Não, gostaria de ser odalisca. Seria uma princesa indiana raptada nos mares e levada a viver num harém com as outras esposas lindas e perfumadas. Nas noites de solidão choraríamos abraçadas, trocaríamos olhares, toques. Eu estaria sempre sentada na lua, observando seus corpos brancos e ternos. Seriam minhas irmãs. Sim, haveria cachorros.

Não sei se há cachorros na Arábia, mas haveria alguns, brancos, grandes ou pequenos e pretos. E eu tomaria banhos vaporizados e dormiriam em almofadas coloridas. E a dança! Ah, a noite ele me chamaria, com seu turbante prateado e eu dançaria para ela, como uma serpente encantada exalando minhas asas de borboleta mística. E, com meus braços, eu lhe dominaria, como o Oceano domina a terra de forma terna e acalentadora.

E, de manhã, eu abriria as janelas do dia com meus beijos e minha saudade. Saudade.

(Silêncio)

Mas as horas escoam. Minha fala cria, mas não o mundo. O relógio marca meus suspiros como passos para a morte. Como tudo está parado, os talheres congelaram nas prateleiras e os pássaros congelaram a voz. Tudo está vazio e calmo. Vazio e calmo como um reino invisível, reino além d vida e da morte... Morrer devia ser possível com um pensamento. Sem sangue, sem ódio. Queria poder apagar-me tomando banho. Aquela água gelada iria me desfazendo como se de espuma eu fosse. Depois escoaria pelo ralo e iria fundir-me nas planícies oceânicas. Ah! Dor! Quão feroz é a dor que não se precipita!

Alimentando-se de si própria torna-se mais feroz e asfíxiante a cada dia.

Se pudesse morrer!

Queria ter forças para querer arrancar as montanhas de seus pés. Ah, solidão! Porque me enforcas com teu abraço silencioso, lento e cínico, que me distrai com comoções periódicas para somente me distrair de tua face! Ah! Onde está o mundo que existiu um dia? Porque tudo fugiu de mim? Porque minha alma está mínima, chorando acuada no canto de mim? Ah; Deus! Quisera ter selvageria, gritar, matar, lançar-me destas pedras abaixo. Morrer! Desejar a morte como se deseja o amor!

Sinto os minutos me sitiando. O relógio bate. As horas avisam que é preciso acabar com tudo, que não há mais esperança. Mas o medo diz que o sol de amanhã será um novo sol, e diz isso todos os dias em vão.

Quando pequena ouvia histórias de um homem que fez o pacto com o demônio. Sabia quando este ia chegar e naquela noite os relógios trancaram seus passos para vê-lo agonizar. As palavras são também. São pequenos frascos de veneno. Quando falamos estamos matando nossas mais profundas loucuras. Mas é inevitável. Algo tem de acontecer.

(pausa)

É preciso decidir. O martelo da morte soa e já não é possível viver. Quero desistir de tudo e nem força para matar-me eu tenho! Ouço os sinos - a morte odeia que eu aja! (Silêncio)

O piano. Sentaria nela e com suas asas viajaria celestiais. Preciso ver se o almoço está feito. Ah, meu deus temos o jantar de amanhã a noite. Preciso escolher o vestido. Seria melhor o vermelho? Não terrível. O cinza chumbo? Apropriado. Talvez pudesse fazer uma viagem a Leningrado depois de conquistarmos a Rússia. Lá poderia usar o vestido vermelho (Ri). Ah, haverá mesmo tanques tão grandes capazes de fazer frente aos nossos? Não, impossível. Há muitas histórias que se contam dessa guerra, tantas, mal posso crer. Algumas me vêm pelos murmúrios da cozinha, outras intermeadas de saudações nos jantares. Só temos as verdades que nos aparecem. Não creio que haja gente morrendo. Mas temo o fim disso tudo. Quisera apenas poder lançar sobre o mundo nossa raça sem Ter de destruir e matar. (Pausa)

Será melhor usar mesmo o chumbo. Sou invisível. (Silêncio) Mas as coisas estão voltando ser vivas. Estavam apagadas pela névoa narcotizante. As flores agora estão mais intensas. Mas eu... permaneço na névoa e estou afogando-me. Queria ter uma bola aqui e po-

deria jogar. Talvez eu a atirasse pela sacada só para ver seu corpo nas rochas. Pelo menos alguma coisa sairia de uma linha reta, desta linha burocrática e obstinada que é minha vida.

Por outro lado temo o que virá. Sei que um dia talvez estejamos presos e talvez sejamos mortos por bombas. Não agora, não amanhã, mas talvez, digo apenas talvez. Quando a cidade estiver em ruínas, e só eu permanecer com ele, só eu em meu a destruição do mundo. Talvez ele me beijasse e eu então lhe diria sim, quero ser sua esposa, sim, sim...

Mas nunca, nunca esse dia chegará, nunca ele fará a pergunta e eu nunca deixarei de esperar. Estar consciente do horror, da mente universal-máquina, e não saber o que fazer. É vergonhoso ser assim. Por isso decidi morrer. Tudo está bem, não me sinto bem. Não pode ser pior a morte. Não pode ser pior que a névoa, o piano, o vestido chumbo e os malditos generais!

Está decidido. Descerei as escadas como uma noiva. Abrirei o armário de vidro, vendo pela última vez minha terrificante permanência. Todos os dedos fechados, como a matar um pássaro. E as esferas límpidas, as esferas que abrirão para min a esperança, abrirão o reino inefável da inexistência. Agora torna-te tão forte como as armas. Agora te torna dura, a secular catedral escura, que causa medo e suplanta guerras homens, furacões. Agora, doma teu destino, decide abandonar tudo, decide lançar-te ao nada, decide apostar que seus sonhos não serão mais destruídos por uma manhã terrível que se apresenta como doce névoa a árvores esquecidas. Agora - decide! (Desce)

1998

## *A casa da esquina*

*Homenagem a Machado de Assis*

**N**ão tenho nenhuma necessidade de provar minha reputação; basta meu nome. Sou André Riovaldo Cunha, trabalho há trinta anos como escrivão no Fórum, casado com Florinda Alves, tola e prendada como convém a uma esposa. Em toda Porto Alegre nem uma unha há que digam de mim, do Guaíba à Santa Casa.

Conto-lhes então esta história sabendo que um homem de bem se coloca nas mãos de caluniadores e expõe-se ao ridículo quando conta coisas que a todos de bom senso soam como inverossímil. Mas quantas coisas, meu Deus, críamos no passado serem explicadas que a soma dos anos não nos revelou serem, em verdade, não só diferentes, mas opostas ao que afirmávamos? Aí está a terra que, apesar de fogueiras e bulas, continua a girar ao redor do sol.

Todo o dia ao caminhar para o trabalho eu passava pela casa da esquina, um sobrado elegante em estilo inglês, já precisado de reforma, mas conservando o ar senhoril. Era de Dona Rosinha, antiga herdeira de um livreiro inglês que em Porto Alegre se instalara pelos idos de 1800. Todo o dia eu tirava-lhe meu chapéu e ela me respondia com um cordial aceno de modo que, no contar dos anos, tornamo-nos amigos, o que significava um convite a cada dia de ir tomar chá, e minhas promessas certas, que nunca se realizavam.

Um dia, contudo, vi o sobrado fechado e fiquei sabendo com o Antenor do armazém que Dona Rosinha havia baixado leito. Senti-me preocupado e um tanto culpado pelos bolinhos de milho desenhados, de modo que decidi fazer-lhe uma visita.

A governanta me recebeu com desmesurada alegria dizendo que sua patroa adormecera profundamente e pediu-me, depois de cobrir-me com as mais doces e variadas guloseimas e uma represa inteira de chá, se eu não me importava de vigiar-lhe um segundo a doente, pois lhe era urgente fazer algumas compras para a casa e já

estava exasperada por ver-se prisioneira. Teria ela algum namorado à espera? Constrangido, tive de aceitar e logo me vi só com a casa velha e, além de tudo, fechada há dias e com ar de mofo, que a governanta não devia ter tido tempo ou vontade de cuidar, e eu aqui sustentando o fogo de uma criada velhusca... Eu andava observando os móveis elegantes, as armas sobre a lareira, o imponente relógio de pêndulo, desenhado à francesa. Um tédio aristocrático caía sobre mim e estava pensando numa desculpa para partir sem parecer grosseiro.

Chamou-me a atenção o retrato de uma moça. Devia ter entre dezenove e vinte e um anos, clara e esbelta, de cabelos negros, com um ar altivo e frágil ao mesmo tempo. Qual a minha surpresa quando uma voz de mulher me chamou, e era ela mesma que parecia ter pulado da imagem e a parar-se na porta. Ri-me do meu susto e apresentei-me tentando manter o garbo.

– Inês, sobrinha da Dona Rosa – disse ela com um ar lânguido, com seus olhos ternos, sentando-se na poltrona de veludo e fazendo-me um sinal para que eu a imitasse.

Seus modos eram tão elegantes e sua fala tão cheia de vivacidade que eu esqueci por completo o tédio que a espera me criara. Se não fosse tão nova e eu tão casado, juro que teria sentido por ela uma especial afeição. Logo estávamos bastante à vontade para eu lhe perguntar sobre coisas que fariam uma moça corar:

– Sim, me casei, sim senhor. Mas não fui feliz. Agora vivo com a minha tia, para esquecer as tristezas, lembrando da minha feliz infância e para cuidar dela.

– Que podem ter feito a uma moça tão delicada? Que vil canalha pode tê-la feito chorar? – eu me desmesurava com minha própria verve galante. – Acaso era ele um perverso ou não cumpria os votos do casamento?

Dizendo isso eu é que corei e abaixamos ambos os olhos numa cumplicidade delicada.

– Pior, disse ela, levemente rubra. Eu era uma esposa dedicada, tinha todo o meu dia preenchido com tarefas urgentes, tudo que uma mulher faz para agradar. Somos criadas para agradar. Trabalhava inclusive para fora, bordando, e tinha meu próprio dinheiro. Sempre gostei de literatura. Nunca tive, entretanto, um só momento que pudesse dedicar-me a mim mesma.

– Um dia vieram entregar um presente, que não achou meu marido no escritório. Tratava-se de um relógio de ouro. Comovida, curiosa para saber quem era o amigo que teria gastado tanto com tal regalo, desrespeitei a regra primeira das cortesias e morri como o gato que, esticando-se para ver o conteúdo de uma tina, cai e é es-caldado. No cartão, mensagens de carinho de uma mulher. Meu sangue parou nas veias, as coisas borraram diante de meus olhos. Meus sonhos todos passaram diante de mim como aves ligeiras que iam se afogar num mar negro.

– Quando ele voltou, finalmente, eu estava febril. Em uma semana estava curada, mas recebia os afazeres com a mesma apatia que a lua recebe o cortejo do mar. Tudo me parecia sonhos, ilusões, reflexos vãos. No fim fui tomada de tamanha tristeza que caí, doentia. Tive o mesmo destino dos poetas...

Conversamos mais algum tempo. Depois ela me disse sentir-se cansada, e retirou-se agradecendo a minha vinda. Fiquei novamente só e já me impacientava com a demora da empregada, tendo decidido deixar um bilhete e retirar-me, já que havia outros em casa. Com esse intuito vasculhei os aposentos ao redor e reparei num relógio de corrente, ricamente ornado, em que o tempo ficara retido, que em tudo parecia-se com a triste surpresa.

Neste momento entrou esbaforida a criada, e eu aproveitei para pegar meu chapéu e despedir-me. Ela agradecia-me efusivamente e eu tentava me desvencilhar da mulher enquanto me dirigia para a porta.

Mas uma pergunta ainda eu fiz, no marco entre a rua e o sobrado:

– Há quanto tempo a sobrinha da senhora separou-se do marido?

A empregada tremeu, como se um choque tivesse sido disparado em sua coluna:

– Há vinte anos. Ela está enterrada na Santa Casa.

Nunca mais passei pela casa da esquina.

1999

## *Conto do mar*

**A** bola de fogo trava sua batalha contra as negras nuvens armadas para tempestade. Sobe lentamente. Esse é o cenário onde os espíritos inquietos lançam todos ao mar, de loucura, de febre, de faca e de tiro. Quem assiste, principalmente quem assiste há mais de meia década, sabe que o mundo queima por um instante, mas ela logo domará os corcéis negros, aspergirá sua língua de fogo pelos céus e luminesserá toda a noite como um herói grego que rompe e empunha a cabeça de medusa com seu facho dourado. Ele silencia, observando.... Lembra-se do início de Carmem, como se as ondas fossem pequenas bailarinas esvoaçantes que se vão deslizando como polvos que mudassem de cor de acordo com o bailado.

Mas também lembra da triste visão que tivera, quando pequeno, de um homem sendo tragado para o mar por um polvo gigante. Estava num pequeno barco, com seu pai e dois amigos. Remavam no meio do silêncio, o espelho das mornas calmarias, e o barco tremeu, súbito um braço de ventosas veio, pegou a perna de um homem e, quase virando o barco, deslizou para seu hábitat escuro. O homem se debateu inutilmente, e nenhum deles pôde sequer pensar numa salvação. Assim era o mar. Como o monstro, sabia dançar com um fascínio hipnótico a ponto de alguns homens, como era seu caso, desejarem mesmo viver ali, ser do mar, estar num abraço eterno com ele, porque no mar não há história, não há dias. Essa imensa superioridade que ignora aos transtornos humanos faz dele imortal, além do bem e do mal, Senhor.

– Serão todos mortos? – perguntou a jovem ao seu lado.

– Não, a maioria.

– É tão triste para mim... É como atirar um corpo santo ao mar, um santo que tivesse tido mil batalhas pela fé e morrido nas mãos dos mouros...

– Faz muito tempo...

– Ele será a fundado, e eu também... Sei bem que é a última partida...

– Cama, meu amor... Não quer se juntar a mim?

– Na minha época vivíamos pelo mar, para ele... Hoje todos são homens de negócio... Antes era possível aprender algo com eles, haviam vivido muito e conhecido muitos lugares estranhos, isso os fazia maiores, mais sábios... Hoje tudo que dizem é que devemos civilizar os povos bárbaros...

– Arrume-se... Tem de receber a última tripulação...

Subiam ao barco algumas mulheres perfumadas, jovens herdeiros casadouros, imigrantes endinheirados que iriam visitar suas famílias, a barulheira de sempre. A maioria queria apenas andar pela última vez numa velharia, a última viagem do século, 1899, depois entrar para história como membros da tripulação do navio fantasma, afundado no ano 1900.

Filipe, um garotinho, acompanhava sua mãe e sua tia Julia. Sua tia havia andado bastante transtornada nos últimos anos. Depois de dois anos de um noivado excelente, havia recebido uma carta fatal – o jovem achara uma outra mulher na Europa, estava sentido, etc. Ela cortara os pulsos, ficara dois meses internada num sanatório, estava precisando dos ares da Europa. A maioria da tripulação estava prestes a descer no Caribe, só um ínfimo número ia atravessar o Atlântico. Felipe estava choroso, havia ouvido muitas histórias do mar e sabia que aquele era o navio fantasma, o que deixava assombrados até os menos imaginativos... Não seria o caso do garoto. Desde pequeno conversava com amigos invisíveis que nem se sabia se existiam ou não. Ele simplesmente se agarrara na saia da mãe e não quisera entrar. Foi preciso sua tia convencê-lo com seu abraço mimoso e algumas promessas de doces.

O cavalheiro Thomas, um cientista recém-formado, perito em abrir cabeças de lulas e descrever pormenorizadamente os neurônios dos animais, teve de distraí-lo, enquanto fazia a corte à jovem recém-viúva do noivo.

– Sabia que estava para chegar um menininho – disse o capitão ao vê-los subir. – Por que está chorando? Teremos muito tempo para jogar aqui. Você sabe jogar canastra? Temos muitos jogos aqui... Minha noiva está dizendo que você é um menino muito esperto e

me pede que eu lhe ensine a atirar dardos... Essa e muito espiritua-  
sa...

– Desculpe, capitão – perguntou a mãe do garoto, meio const-  
rangida –, onde está a sua noiva?

– Vocês não podem vê-la... Ela faleceu há vinte anos de tuber-  
culose. Só eu posso escutá-la. Sejam bem-vindos. Se me derem li-  
cença... Tenho que ver como vai o jantar.

– Não reparem – disse o cientista num ar jocoso. – Ele já está  
bem caduco. Esta será sua última viagem. A companhia decidiu a-  
posentá-lo. Tem medo de que ele perca a lucidez no meio de uma  
viagem.

– Pobre homem, depois de tantos anos no mar...

– Mana, vou levar nosso garoto à cozinha. Está bem?

– Vá, vá sim...

– A senhora gostaria que eu lhe fizesse companhia?

– Agradeço. Fique aqui com minha irmã. Ela tem mais assuntos  
do que eu...

A moça saiu rapidamente...

– Nem repare. Minha irmã está se recuperando de um grande  
trauma...

– Percebo.... Reparei nos seus pulsos...

– O senhor vai atravessar...

– Sim...

– Tenho um pouco de medo de navios, o senhor não?

– Por que medo?

– Ora, pode ser besteira minha, mas parece que estamos no  
meio do nada.

– Mas hoje há o telégrafo para mandarmos umas mensagens em  
qualquer perigo.

– Não sei, não acho que tudo possa ser controlado.

– O homem nunca, este está à mercê de seus fluidos estranhos,  
por enquanto. Chegará um dia... bem, quanto à natureza, ela não re-  
presenta mais perigo.

– O senhor acredita mesmo nisso?

– Sou um cientista, tenho que acreditar. A senhora é religiosa.  
Acredita em fantasmas?

– Por que me pergunta isso?

- A senhora não ficou sabendo da historia deste navio?
- Não. Por que deveria?
- Bem, pensei que sim... e um furo da imprensa sensacionalista, ou seja, de toda ela...
- O senhor pretende me assustar? Não me conte nada assustador. Sou frágil.
- Bem, dizem que este navio uma vez chegou na costa sem nenhum membro da tripulação. Um navio realmente fantasma... Nunca ninguém soube a causa disso, talvez uma peste. A hipótese mais provável é que tenha sido atacado por piratas e eles tenham atirado toda a tripulação ao mar...
- Estranho... mas foi roubada alguma coisa?
- Nada, este é o problema maior.
- Nossa... Espero que eu não me lembre disso quando estivermos no meio do oceano, na hora de dormir.
- Venha, vamos conhecer as instalações? Sua Mercê.

Dois dias depois, a maioria da tripulação desembarcava. Ficavam apenas cinco viajantes, o capitão, o cozinheiro e dois marinheiros.

À noite, no salão de chá, a mãe conversava com a baronesa Fany Moser, uma rica e culta dama que se encontrava no navio e que cruzaria o oceano com eles. Ela era bastante simpática e contava suas experiências com uma divertida elegância, transformando-as em casos hilários.

– Minha última inovação é me tratar com um jovem médico vienezense, bastante excêntrico, Dr. Freud. É um jovem iniciante e tenho me divertido bastante com ele. Tive de pedir que ele se calasse várias vezes. Ele não me deixava sequer acabar minhas histórias. A última dele foi tentar me convencer de que eu era apaixonada por meu cunhado, acredita? Claro que eu não disse para ele que qualquer mulher cairia de amor vendo meu cunhado jogando pólo, mas isso toda mulher sabe, não é preciso um neurologista para dizê-lo, não acha? Francamente, suas sugestões me parecem muito imorais. Ele diz que todos estamos cheios de lembranças sexuais reprimidas, pode? A única coisa reprimida em mim é meu sapato.

Filipe entra com um rosto muito branco, segurando o choro.

– Como está a tia Ann? O que foi, meu bem, o que aconteceu?  
Algo com a tia?  
– Mamãe, estou com medo.  
– Medo de quê, meu amor?  
– Medo da viagem.  
– Como, meu bem?  
– Mamãe, uma mulher de branco...  
– Meu amor, não fale bobagens. A baronesa vai achar que você é uma criança mentirosa.  
– Doutor Freud ia gostar disso.  
– Venha, meu amor, vamos lá fora. Eu vou lhe mostrar como não há ninguém. A senhora me dá licença...

Além da brisa refrescante lá estava o excêntrico Doutor Nausgustenstein, um espécie de vidente e médico que pensava em tratar os pacientes com choques elétricos, ervas e estratos marinhos, nesta ordem.

– Bonita a noite, não, doutor?  
– Não, estou aterrorizado.  
O homem suava.  
– Desculpe, não lhe entendi.  
– Sinto maus agouros. Péssimos presságios. Quero deixar o navio.  
– Temo não ser possível, doutor. A tripulação já desceu em St. Louis e o próximo destino são as Canárias.  
– Você não acredita, não é? Estou lhe dizendo que este navio é assombrado. Eu sinto muitos mortos perambulando.  
– O senhor deve estar impressionado pelos jornais  
– Não! Eu sinto. Não posso vê-los, mas sei que estão aqui.  
– O senhor vai impressionar o garoto. Filho, vá para o camarote da tia e me espere lá.  
O menino corre.  
– A senhora acredita em hipnose?  
– Hipnose? Não sei...  
– Acredita que o nosso inconsciente pode saber coisas, remontar o que nós mesmos desconhecemos?  
– Talvez. Mas por que isso vem ao caso?  
– Não podemos ver tudo que nos rodeia, mas nossa sombra cria imagens e símbolos do que não podemos expressar em palavras.

- Sombra, quer dizer nosso espírito?
- Nossos fantasmas. Tudo que tentamos esquecer.

A lua estava vasculhando o leito do mar, que parecia tremer com seu frescor.

– Quero lhe hipnotizar. Deixe eu saber se a senhora é capaz de perceber algum indício.

– Ora, isso é uma coisa um tanto louca.

– Eu lhe peço pela sua alma

– Pela minha alma? Bem, acho que tudo bem... Pode ser aqui.

A lua estava bastante forte. Ele puxou uma correntinha do bolso, com um cristal rosa na ponta.

– Preste atenção... observe atentamente a pedra...

A moça foi ficando sonolenta até fechar os olhos... A lua parece estar iluminando a cena, o silêncio do mar, o vento fresco... Ela fica em estado de transe...

– Você sente alguma coisa aqui?

– Há muito barulho... Há muito barulho... Vejo gente morta.

– Você sabe de onde vieram? Quem fez isso?

– Não sei... Há sangue. Apenas isso.

Um grito quebra o estado de transe.

– Senhor, não permitirei estas práticas mágicas em meu navio. Já fizeram bastante alarde ao redor desta viagem. Deve transcorrer tudo bem. O senhor não deve e assustar minha tripulação com truques bizarros.

– Desculpe, capitão, não quis ofendê-lo.

– Tudo bem, capitão, eu mesma concordei. Agora está na hora de me ocupar de coisas mais proveitosas. Com licença, senhores.

A manhã nasceu com os gritos da camareira.... Pelas 6 horas ela tentara entrar no quarto de senhora Ann e encontrara a porta trancada. Voltara mais tarde e abriu a porta com sua chave. A moça estava morta com os pulsos congelados. Seu corpo foi jogado ao mar após as preces habituais. Filipe e sua mãe se fecharam num silêncio mortal, trancados em sua cabine por dois dias. Dois dias depois, foi celebrada uma missa na capela.

– A menina tinha tendências suicidas, alertou o dr. Thomas.

Uma semana se passou entre lutos e silêncios. Filipe estava com febre e sua mãe não estava disposta a conversar com muitas pessoas. Passava as tardes olhando o horizonte, sozinha.

Numa noite quente, quando um vento seco de nordeste parecia ferver o mar e os sonhos dos homens, ouviram-se na escuridão gritos de um homem. Os marinheiros perceberam tratar-se do capitão e foram acordá-lo. Havia gritado palavras estranhas, como se corresse perigo de morte. O marinheiro russo, que já cruzara o mundo centenas de vezes, disse parecer algum feitiço das bruxas irlandesas, mas isso foi motivo de risos por parte da tripulação. Lembram-me as magias que elas usam para afastar o demônio, disse o marinheiro. O capitão estava perturbado e pediu ao seu imediato que ficasse no controle por alguns dias. Mais tarde falou que seu sonho fora com monstros e conjuros de criança. Espalhou-se entre a tripulação a crença de que estava seriamente abalado em sua mente.

A baronesa estava chorando sobre a mesa do salão. Os marinheiros atordoados tentavam tomar uma atitude. O imediato se debatia, pensando no que fazer. Todas suas jóias teriam sido roubadas. Existe um louco entre nós dizia ela. São jóias de mais de dois séculos. Terão de vender suas almas para pagá-las, chorava.

O vidente olhava com um ar de terror. Foram os mortos, as almas perdidas permanecem no local de sua triste sina e sentem dores e querem sangue, dizia. Eu sonhei com um antigo navio. Um marinheiro é acusado de ter roubado algo de passageiros do navio e é condenado pelo capitão a caminhar para a prancha. Antes de morrer amaldiçoa a tripulação com tenebrosas palavras. Após sua morte, tempestades horrendas envolvem a viagem, uma peste toma conta do navio e quase toda a tripulação acaba perdendo o viço e desfalecendo sob vômitos contínuos e febre intermitente. O capitão, sob a espada fatal da culpa, acaba enlouquecendo e mata com tiros os quatro sobreviventes, entre eles duas crianças.

– Você é louco – grita o cientista. – Com suas crendices envergonha a tradição de Darwin!

– O senhor tem péssimo gosto – disse a baronesa retirando-se para seus aposentos.

A mãe de Filipe estava perturbada com todas estas situações. Sentou-se no convés como se seu cérebro estivesse tomado pelas fadas do absinto, com suas pequenas facas a estocar seu juízo.

O navio navegou mais dois dias sem solução para o caso. Por algum motivo desconhecido, os telégrafos acabaram por não funcionar mais. Uma hipótese era que alguém os havia destruído de modo irreversível. A baronesa entrou em pânico, e nem mesmo as advertências de que os sinais de fogo poderiam ser usados em caso de emergência fez com que recobrasse o equilíbrio. Estavam a poucas semanas da chegada, não deveriam temer nada, disse o marinho que tomara a condução do navio. Mas uma pesada sensação de isolamento caiu sobre todos.

Uma cena atormentou ainda mais os pobres viajantes. O capitão foi visto ao nascer do sol caminhando pelo convés com uma arma e, ao ser interrogado sobre o que faria com ela, disse estar protegendo o navio. Mas ao longo de seu estado alterado de consciência, onde disse que não deixaria o navio morrer em ruína, sob o peso da infâmia, apontou várias vezes para a própria cabeça a arma, chorando, o que fez com que muitos temessem por sua vida e decidissem sedá-lo, pelo menos momentaneamente, para salvaguardar a si mesmo e a tripulação.

Pela madrugada, na confusão das ondas, alguma mão doentia ou demoníaca escrevera toscamente, na madeira carcomida do navio:

Tem tempo de nascer  
Tempo de morrer  
Tempo de plantar  
e tempo de colher a planta  
Tempo de matar  
e tempo de sarar  
Tempo de chorar  
Tempo de rir  
Tempo de gemer  
Tempo de dançar

Tempo de abraçar  
Tempo de se separar  
Tempo de amar  
Tempo de odiar  
Tempo de guerra  
Tempo de paz.

Seus terrores não haviam acabado, entretanto. A segunda-feira recebeu a todos com seu almoço requintado. Todos que o comeram não mais levantaram. Foram dois dias de náuseas, um dia e meio de febre forte, em seguida o leito e tremores incompreensíveis. De toda a tripulação escaparam o capitão, que ficara e seu quarto sonolento, o doutor Thomas, o marinheiro russo, Felipe e sua mãe, que também andavam abatidos e comiam pouco ou quase nada. A camareira veio a falecer no transcurso de dois dias, e subitamente a mãe de Felipe viu-se obrigada a tratar de seus companheiros, sendo bem pouco o que podia fazer, sob as orientações do doutor, que recomendava banhos e sangrias, e do marinheiro.

– Estamos em terra inimiga. Como um viajante que vai para um país estranho onde não tem amigos, este somos nós. É preciso cautela, falar pouco, pensar muito, mover-se como um peixe, rastejar. Se levantarmos a frente, a foice do destino nos ceifará.

Perdidos no meio do infinito oceano, a mãe de Felipe sentia-se como num sonho tortuoso, onde não se sabia onde um dia começava e onde outro acabava, perdidos num labirinto, dez milhões de caminhos, onde o terror vinha persegui-la com seus dedos manchados.

– Há mais de dois mil anos Sófocles já sabia que não há homem feliz – disse o capitão.

– Não podemos nos desesperar – disse o doutor Thomas. – Em breve chegaremos a algum lugar civilizado e teremos ao nosso alcance os mais modernos meios para salvar estes homens.

Olhos negros tremem, lacrimejando, e o sal escorre na pele seca, salgada, quando o eixo do mundo gira sobre si mesmo, o horizonte na sua dança enauseante e o barulho das sereias devoradoras do oceano, lembrando quantas mortes devoraram, sendo o norte a brincadeira de uma criança nas mãos do senhor dos mundos.

O capitão estava na proa, observando o sol se pôr com seu estridente ornado. Ouviu passos na penumbra.

– Quem está aí? Querida?

– Sou eu. Vou liquidá-los.

– Quem é você?

– Temos um trabalho juntos, vovô. Esqueceu?

Era um marinheiro antigo, com o rosto azulado e algumas partes do corpo machucadas.

– Onde está sua honra?

– Honra? Você foi amarrado a este velho navio para ser afundado com ele. Você é o lixo que sobrou dessas máquinas. Não há mais lugar para velhos como você neste novo mundo. Você ajuda na produção? Que valor pode ter um homem se não coopera?

– Ainda sou um homem. Vivo e morro, e tenho honra.

– Meu velhinho, sob o céu ou sobre a terra não há mais mistérios. Todos os mistérios foram tragados pelo tempo, estão desvendados ou foram registrados e catalogados em hospitais neurológicos. Mas eu não acabarei assim. Eu não. Meu nome entrará para a história e daqui a cem anos terão de falar neste navio, na tragédia que aconteceu na sua última viagem.

A sombra desapareceu na escuridão.

O sol se esconde atrás da montanha – diz assim um ideograma chinês.

Mais um homem morreu de febre. O doutor Thomas, seriamente abalado, não pôde se manter de pé, exausto pelos trabalhos, e acabou por retirar-se para seus aposentos no decorrer dos dias.

– Já viajei por muitas águas – disse o marinheiro russo. – Na Arábia ouvi a história de um navio que levava um infiel – ele havia roubado o tesouro do sultão e disfarçara-o numa arca, cobrindo-o de livros. Um daqueles livros havia pertencido a um sábio sufi que tivera sido decapitado. Ele apareceu três vezes para o ladrão. Na terceira, o homem se atirou do navio, desesperado.

– O que você está tentando me dizer? Fale logo!

– Quem sabe se estes homens não foram envenenados? Quem sabe o que um homem corroído pela mágoa pode fazer?

Em uma semana, toda a tripulação doentia estava morta.

Thomas está sentado frente ao mar. As nuvens tornam-se amareladas, ao entardecer, e um som de suaves ondas parece cantar, talvez gaivotas, talvez sereias, e tudo vai se amarelando, enquanto as ondas crescem sua música, parecendo uma orquestra diabólica pronta a devorar suas vítimas. Thomas olha o mar e de repente é como se pudesse ver o infinito. Sua mente se expande além do nosso universo, consegue perceber espaços vazios dentro de espaços vazios, e o tempo se dilata, perdendo sua continuidade – vive como que em múltiplas dimensões. A seu redor ouve os sons das multidões, do interior do mar, ouve moverem-se as galáxias, estrondosas explosões, e seu próprio coração grita. Corre, e o mar se expande, brotando como uma ilha tenebrosa, imensa massa, a princípio irreconhecível, fazendo tremer o cosmo, movendo o tempo para frente e para trás como uma malha estendida. Thomas sentiu terrivelmente a materialidade de seu corpo, seus ossos ondulando lentamente, seu sangue como correnteza abismal, e a figura foi mostrando um círculo branco, esculpido com desenhos estranhos,

Ouviu ecos nos cinco pontos da terra

Desde o início do tempo, pelas eternidades  
Eu estava entre seus tesouros ocultos  
Do nada ele me chamou, mas no fim do tempo  
Serei reclamado pelo rei

Minha vida flui da profundidade das esferas  
Que dão ordem e forma à alma  
As forças divinas construíram-na e nutrem-na  
Então é preservada nas câmaras do rei

Ele irradiou luz para produzi-la  
Nas fontes ocultas, direita e esquerda  
A alma desceu a escada do céu  
Do poço primevo de Siloam para o jardim do rei.

Ele parecia desmaiar. Olhou para seus dedos, estavam transparentes, sua boca sem sabor. Já nem podia saber se vivia ou não, e o peso imenso de suas células movendo-se, mas o círculo, o grande círculo branco pairando sobre as águas, desestruturando todo o universo – seus olhos enevoados leram figuras na rocha, e em sua

mente explodiam visões e tremores como se pratos de bronze lhe esmagassem a frente. Sentiu-se levantar, flutuar, e seus braços abertos, como uma ave contorcida, e o brilho da rocha transformou o mundo num imenso sol. Sentia sua pele ser aberta e sua carne ficar à mostra. Entre tremores dos exércitos de Alexandre, gritos de homens queimados nas fogueiras e crianças mortas com os ossos à mostra, desfaleceu. Seu corpo ainda pendeu algum tempo acima das ondas, mergulhando depois no mar para nunca mais voltar.

Sós em meio ao oceano sobraram o capitão, Felipe e sua mãe e o marinheiro russo.

– Não seria melhor trancá-lo?

– É um gesto drástico. Podemos fazê-lo enlouquecer de dor.

– Mas, e se custar nossas vidas? Se tivermos de lutar contra ele?

– Seria melhor fazê-lo.

À noite, enquanto o capitão repousava no seu aposento, os dois colocaram uma tranca pesada de madeira na porta, trancando-a.

– Isso pode deixar o homem mais furioso. É bom que nunca saia daí.

– Temos apenas de esperar uma semana. Já devemos estar chegando a um local habitado.

À noite a mãe de Felipe ouviu barulhos no convés. Pegando a faca que deixara ao lado da mesa, trancou seu filho no quarto e subiu.

– Fique aqui. Estamos em grande perigo, entendeu, em grande perigo.

Ao chegar encontrou o marinheiro morto com um gancho a lhe sangrar. O capitão apareceu na penumbra.

– Foram as crianças. Duas crianças abriram a porta.

– Afaste-se de mim, seu louco, afaste-se de mim.

Desesperada, a mulher correu para seus aposentos. Trancou-se. Abraçou o filho:

– Logo chegaremos, logo chegaremos. Sentiu o navio se agitar, começando um balanço forte para a esquerda e para a direita. Chorava descontrolada enquanto abraçava a criança imóvel.

– Vamos morrer, meu filho, vamos morrer.

Felipe desprende-se da mãe e abriu a porta rapidamente. Ela, desesperada, saiu gritando por ele, tomando a chuva forte que caía sobre o barco.

– Felipe! Felipe! Por favor.

O menino parara no meio do convés, insensível ao vento que parecia arrancar a velha madeira do navio.

Parado na sua frente estava o capitão chorando, com uma pistola na mão. A mãe de Felipe, paralisada, caíra ao chão, num choro histérico e inútil.

Felipe, com uma voz animalesca e profunda, gritou alguma coisa incompreensível.

– Você nunca terá o que nos faz homens: honra.

A tempestade furiosa recobrou suas forças, e a mãe de Felipe foi atirada sobre caixas.

O navio chegou silencioso às margens, como um ideograma que não pergunta nem responde a não ser a si mesmo.

2001

## *A bela festa do vale*

Quando o faraó faleceu, sua esposa, Hamet, era tão amada pelo povo por sua sabedoria e sua devoção, fora uma potente e decidida administradora, sendo responsável por importante assistência ao marido, que ela mesma tornou-se Filho de Hórus. Na cidade de Amon, Uaset, cidade sagrada onde estava a primeira colina da qual surgira o mundo, e onde, acima do nível dos mortais comuns, pairavam esplêndidas as colunas de Luxor e Karnak, símbolos da civilização que vencera o sombrio reino da morte, assim como Osíris.

A lua nova se aproximava, e seria a primeira bela festa do vale em que à frente do cortejo de Amon iria uma mulher. Alguns sacerdotes estavam certos de que isso seria uma tragédia, levantando suspeitas sobre o poder do faraó. Os cânticos começaram no santuário da Baça de Amon, esperando o momento em que o rei sairia triunfal de seu palácio e conduziria o cortejo até o cais do templo. Os cânticos dos sacerdotes e da multidão se misturavam ao barulho das águas enquanto o barco sagrado, reluzente com suas folhas de ouro, era puxado por cordas de outras embarcações. O barco visitava os templos da cidade, os vivos e também os mortos se levantavam para honrá-lo, simbolizando a viagem noturna do Sol, que traz à vida vivos e mortos. Quando a barca descansava no tempo, à noite, guirlandas com o símbolo da vida, como um arco entre os vivos e os mortos, eram depositadas ao seu lado.

Durante a procissão no Nilo eram lidas pelo faraó as sagradas imagens de um papiro com a história da deusa Hathor, deusa benévola que acolhia os mortos na sua outra vida e dera de mamar ao filho de Osíris, mas que, num acesso de ira, tentara destruir a humanidade em forma de Leão, dando-lhe de beber grande quantidade de cerveja tingida como sangue. Ela voltara a seu estado normal abençoando os prazeres e a sensualidade. O pergaminho mantinha-se ritualmente guardado no templo de Amon. Dois dias antes da certi-

mônia devia um sacerdote retirá-lo e oferecê-lo ao faraó, que dormiria com ele sob o corpo.

Na data prevista, o sacerdote dirigiu-se ao templo. Foi convocada uma reunião secreta somente com o sacerdote supremo e a Rainha Hamet. Rumores correram no palácio, e a corte ficava ansiosa.

– Desapareceu o pergaminho-, relatou o sacerdote responsável.

– Como? – gritou o supremo sacerdote.

– Desapareceu.

– Mil víboras comam o fígado de quem teve a coragem de afrontar Amon Rá, –repetiu o sacerdote.

– Mantenhamos a calma. Temos dois dias para que ele apareça.

– Alguém quer desmoralizar-nos. Será uma catástrofe se a população souber, certamente dirão que foi o deus que assim quis.

– Sacerdote, o senhor conhece alguém que saiba de cor estes hieróglifos?

– Talvez... sim, há o sacerdote Amun, mas ele está em idade muito avançada. Seria impossível sair de sua mansão, onde se encontra.

– Então faremos o oposto. Prepare uma roupa bastante simples e anuncie que irei ficar os próximos dias em oração. Enquanto isso, só você me trará comida. Quero que este outro me acompanhe, pois só assim garantirei o seu segredo.

– Mas como o Senhor do Mundo sairá pelas ruas como simples mortal?

– Até Isís já usou vestes de escrava quando procurava seu marido. Tomarei lições ao pé deste velho sábio e anunciaremos que tudo ocorrerá se forma normal. Isso deixará o criminoso em pânico, pois só através de uma influência sobrenatural poderia se manter a ordem. Se isso o levar a crer que tenho uma ligação direta com o Deus, e o temor o obrigar a devolvê-los, ótimo. Caso contrário, se realizará o verdadeiro milagre. O faraó recitará diretamente de sua boca o texto sagrado, por inspiração do deus. O Baú com o texto fica numa barca secundária às margens do grande barco. Daremos ao homem até o último segundo para arrepender-se.

– Mas então seria uma farsa.

– Não, meu caro. O verdadeiro mistério é a origem de minha astúcia.

A rainha saiu à noite, vestida em trajes simples, e num barco pequeno, acompanhada do sacerdote, cruzou a noite até a região das mansões, no lado oeste de Tebas. Batendo à porta do velho, fez-se entrar com algumas palavras secretas que só os altos emissários do rei conhecem.

O homem se encontrava na sua cama, adoentado, e seus olhos se arregalaram quando compreendeu quem o visitava. A rainha trouxera consigo o escaravelho de ouro faraônico, esculpido com lápis-lazúli, único em todo o reino. Ouviu atentamente suas palavras e guardou-as no coração.

O dia da procissão iniciou-se. Os barcos adornavam o Rio Nilo como colares de ouro no céu azul fulgurante.

As tropas armadas, com seus estandartes emplumados, os carros de guerra enfeitados de guirlandas, músicos, bailarinas e a multidão, com buquês e oferendas, seguiam por terra.

Belamente ataviado no centro do barco de Amon, o faraó observou a multidão e fez sinal com os braços pedindo silêncio. Um sacerdote mascarado, representando o deus Amon, vinha numa barca cintilante e, colocando-se ao lado do faraó, entregava-lhe novamente os símbolos de poder. O faraó acendia incenso e ofertava flores ao deus. Depois o faraó sacrificava um pássaro, significando sua vitória sobre as forças do caos, a morte, os estrangeiros, as bestas malignas, os traidores e feiticeiros e a força do deserto, Set.

– Vem em paz, meu filho amado! – diz Amon ao faraó. – Meu coração está incomensuravelmente feliz em ver tuas vitórias e o poder de tua fama nas terras do norte e do sul! Eu te coloquei no meu templo e dei meus sinais a ti. Eu te fiz poderoso e temido em todos os países, e o temor a ti vai até os quatro pilares do céu. Tu simbolizas a vida que jamais acaba, e é por ti que o cosmo se mantém, levando a civilização aos homens, a fertilidade às terras e o sentido à vida.

Fez-se silêncio. O supremo sacerdote dirigiu-se até a barca secundária para abrir o baú onde deveria estar o pergaminho sagrado. Todos acompanhavam em silêncio sepulcral.

Em toda sua majestade o Supremo Sacerdote trouxe o pergaminho com a invocação a Hator.

## *Oito planetas*

*Uma estrela brilhou mais que todas  
E o céu ficou coberto de trevas.  
(Poema chinês)*

**N**as inóspitas planícies brancas, onde as ossaduras de gelo se formam sob o vento raso, um bando de homens negros tenta sobreviver. Em meio ao branco, uma rocha negra parece repousar. Ela é recolhida e levada para a aldeia.

Entrar naquelas cavernas era difícil e o guia estava preocupado em mostrar os lugares secretos onde colhia ninhos de morcego para vendê-los no mercado chinês. Eram lugares escuros, cobertos de estalactites, o ar cheio de microorganismos que cresciam devido às fezes dos morcegos e de insetos estranhos. Mas ali perto uma mão pré-histórica, riscada com pingos de corantes naturais, estava marcada na rocha. Uma mão com dez mil anos, de homens com nosso cérebro, possivelmente xamãs. Porém, nenhum sinal. Eles iam embora, mas... e aquela fenda? Caminham estreitos, por entre rochas. Parece ser um caminho sem fim. É preciso abaixar-se e fica-se quase sem ar. Mas há alguma coisa: riscos verticais. Emaranhados, erodidos, fragmentos: uma Santa Ceia de cem séculos. Aos poucos podem-se achar formas: círculos, formatos como de correntes, círculos concêntricos, homens. As análises de rocha parecem incríveis: são rochas que vieram do espaço e parecem ter certos microorganismos fossilizados. Lagash não sabe bem o que fazer com isso. Escreve ao seu amigo Mitgall, geólogo que descobriu microorganismos congelados há 30 milhões de anos dentro da terra; em seguida encontrou seres que viviam sem luz a 40 quilômetros de distância da superfície, utilizando o hidrogênio da água em reação com a rocha vulcânica.

Mírian vasculha os céus há dezenas de anos em busca de uma onda que pareça regular, mas a imensidão do espaço torna difícil

determinar para onde se virar os olhos. Ela ficou muito impressionada com os riscos na superfície gelada de Io, o maior satélite do maior planeta vizinho – pode haver água lá, sob o gelo. Pois, como na Terra, pode-se ter fontes vulcânicas que animam seres bizarros. Mírian procurou seu amigo Amadh para saber por que as formas de vida – de neurônios ao gelo de Europa – têm o mesmo formato: redes, parecendo ramagens de uma folha, conexões. Haveria um padrão para a vida se organizar? Se sim, os extra-terrestres não deveriam ser diferentes de nós, mas muito semelhantes... Ele descobriu isso analisando seres microscópicos com seu amigo Mitgall.

São 100 bilhões de estrelas apenas na nossa galáxia; são vinte planetas descobertos só na localidade de nosso sistema solar.

Mitgall está sentado em sua acolhedora casa de campo; sob meia luz senta-se na sala para ler suas “curiosidades”, os artigos “excêntricos” que seleciona em revistas fora de sua área para passar os olhos quando “der”. De repente, estremece. É melhor ligar para Lagash.

Ambos entram no escritório de Mírian. Estavam juntando as peças. Se havia um local onde apontar os telescópios, deveria ser para onde os desenhos das cavernas apontavam. Seria possível? Tudo deveria ser mantido em estrito silêncio.

Varrer o universo parece um método precário. Seriam necessários milênios para que qualquer bobagemzinha fosse sentida. Portanto, Mírian buscava nos arquivos de todos os observatórios do mundo análises que pudessem revelar quaisquer microscópicas regularidades. Em função disso, ela entrava em contato com historiadores que estudavam civilizações antigas e ia a alguns congressos na esperança de saber de problemas ecológicos (que poderiam referir-se a catástrofes naturais oriundas de corpos celestes) ou cósmicos relatados por antigas civilizações. Um dia assistia a uma palestra em que um especialista falava de um estranho manuscrito, de cerca de 1800 anos; se referia a uma escuridão crepuscular, onde o Sol havia enfraquecido e uma nova estrela havia brilhado no céu durante quarenta dias, para logo depois desaparecer. A região fora desenhada. Mas não era claro no texto se uma coisa seguia imediatamente à outra. Aquilo havia trazido pânico para o Império do Arroz, e os sacerdotes ordenaram que se fizesse uma busca nas aldeias e nos registros de forma a se encontrar qualquer referência que explicasse estes fenômenos. Umah, homem de mais de cem anos,

numa aldeia nas montanhas, contou que seu avô havia encontrado nos arredores da cidade, quando era menino, um objeto de metal arredondado, onde estavam inscritos alguns símbolos. Contudo, nada se conseguira averiguar sobre a relação possível entre os fatos.

Mírian estava intrigada. Seria um meteorito que, cruzando o Sol, obscurecera o planeta para logo em seguida se chocar com a atmosfera. Mas se a estrela brilhara por dias, não podia ser somente a luz do cruzamento pela atmosfera, que se dá em poucos minutos. Teria o material de uma queda inundado a atmosfera com poeira e fragmentos? O artefato poderia ser algo primitivo, ou um sinal de vida inteligente.

Havia outra alternativa. Uma nave extraterrestre poderia ter sido vista nas proximidades por alguns dias – emitindo algum tipo de radiação visível – e em seguida cruzado o caminho do sol, trazendo um eclipse à região.

De qualquer forma, havia o registro de um astrônomo – um tipo excêntrico, que sofria de alcoolismo, e nunca havia sido reconhecido por autoridades científicas – que parecia ter achado algum sinal ordenado vindo de uma zona do espaço, mas seus dados não foram confirmados, pois era uma época de turbulências no Sol, que poderia desregular os instrumentos. Mas agora, com a visita dos dois homens, as coisas pareciam fazer sentido: os pré-históricos, as primeiras civilizações agrícolas e um astrônomo moderno pareciam indicar apenas uma região do universo.

A nave mais distante já enviada ao espaço é a Pyoner 11, e está a 10 bilhões de anos luz. Sua maior descoberta foi a de que há em algum lugar um buraco negro com massa incomensurável, o que explica por que a matéria do universo não se dispersou tão rapidamente quanto deveria, se observarmos apenas a matéria visível, e pôs por terra a teoria da matéria obscura. Mas há quase dez anos ela parece ter indicado uma região onde poderia ter havido vida. Uma outra galáxia a uma distância fenomenal. Trata-se de três planetas de rocha, que parecem formar um antigo sistema planetário. Três, mas poderiam ser mais: alguns poderiam ter se dispersado após a explosão, ou seus gases terem sido atraídos por outros astros de maior gravidade. Perto deles está uma anã branca: possivelmente haveria ali um Sol e quando ele explodiu engoliu os planetas.

Mírian decidiu ir com Lagash até as cavernas onde estavam os desenhos. Lendo sobre os manuscritos, ela tinha uma imagem men-

tal do que o velho havia visto no deserto, eram formas que pareciam ser as mesmas em todo o universo. Definitivamente, nem todos os astrônomos estão preparados para cavernas subterrâneas. Entrando nos estreitos labirintos da rocha, finalmente avistaram os locais onde as formas se escondiam. Lagash estremeceu. Como dissera Mitgall, eram os desenhos achados por ele na rocha do gelo. Mírian viu neles mais ainda: havia círculos concêntricos, que eram a localização do sistema solar. E havia – ao que parece – uma figura humana dentro de um círculo: os braços abertos, cada ponta tocando o círculo de um lado. Assemelhava-se à descrição que se tinha do manuscrito. Algum planeta distante poderia estar enviando sondas para dentro de nossa galáxia? O desenho fora costurado pela erosão, as manchas avermelhadas oxidaram, misturadas às fezes de morcegos: mas havia claramente um Sol e oito planetas em órbita.

Ela observava o céu. Uma galáxia dentro de centenas de galáxias e estas juntas apenas um braço do universo inteiro conhecido: 100 bilhões de estrelas somente em nossa galáxia, e aqueles planetas mortos girando sabe-se lá há quantos bilhões de anos. Houve vida um dia lá? Um silêncio infinito.

2001